UM CONTO EMARANHADO

(IMAGEM)

UM CONTO EMARANHADO

LEWIS CARROL

COM SEIS ILUSTRAÇÕES DE

ARTHUR B. FROST

Ao meu aluno.

Estimado aluno! Por ti dominados com rapidez,
Soma, Subtração, Multiplicação,
Divisão, Frações, Regra dos Três,
Testemunham a tua hábil manipulação!

Avante então! Deixa a voz da fama
De Era em Era repetir a tua história
Até que tenhas conquistado um nome
Que exceda Euclides em glória!

PREFÁCIO

Este conto foi publicado originalmente em *The Monthly Packet* no início de abril de 1880. A intenção do escritor foi incorporar em cada Nó (tal como os medicamentos tão hábil, porém ineficazmente, escondidos na compota da nossa infância) um ou mais problemas matemáticos – de aritmética, álgebra ou geometria, consoante o caso – para entretenimento e eventual edificação dos caros leitores dessa publicação.

L.C.

Outubro, 1885.

ÍNDICE

UM CONTO EMARANHADO.

NÓ I.

EXCELSIOR

«Duende, guia-os para cima e para baixo»

O brilho avermelhado do pôr-do-sol desvanecia já nas sombras escuras da noite quando foi possível ver dois viajantes a descer rapidamente – a uma velocidade de seis milhas por hora – o lado escarpado da montanha; o mais novo saltando de rochedo em rochedo com a agilidade de uma cabra-montês, enquanto o seu companheiro, cujos membros envelhecidos pareciam desconfortáveis na pesada cota de malha comumente utilizada pelos turistas naquela região, avançava num esforço doloroso a seu lado.

Como sempre acontece nestas situações, o cavaleiro mais novo foi o primeiro a quebrar o silêncio.

«Diria que estamos a avançar a um bom ritmo!» exclamou. «Tal velocidade não alcançámos na subida!»

«Presteza passada, eu vo-lo direi!» exclamou. «O nosso acelerar não foi assim a subir!»

«Andamos bem asinha, deveras!» repetiu o outro num gemido. «Na subida andámos não mais do que três milhas por hora.»

«E em terreno plano a nossa velocidade é?» perguntou o mais novo, pois era fraco em estatística e deixava tais pormenores para o seu companheiro mais velho.

«Quatro milhas por hora», respondeu o outro desgastado. «Nem uma onça a mais», acrescentou, com o amor às metáforas tão típico da sua idade «nem um centavo a menos!»

«Passavam três horas do meio-dia quando saímos da nossa estalagem», disse o mais novo, pensativo. «Dificilmente estaremos de volta à hora do jantar. Talvez o nosso anfitrião nos negue redondamente a comida!»

«Ele repreender-nos-á por chegarmos tarde», foi a resposta séria, «e tal repreensão será bem passada.»

«Essa é um achado!» disse o outro com uma gargalhada. «E se lhe pedíssemos que nos trouxesse outro prato, aposto que a sua resposta seria torta!»

«Já só vai haver sobremesa,» suspirou o cavaleiro mais velho, que nunca na sua vida tinha ouvido uma piada e estava um tanto insatisfeito com a frivolidade inoportuna do seu companheiro. «Serão nove da noite», acrescentou em tom mais baixo, "quando chegarmos à estalagem. Muitas milhas teremos nós percorrido neste dia!"

«Quantas? Quantas?» gritou o jovem entusiasta, sempre sedento de conhecimento.

O velho homem estava em silêncio.

«Diz-me», respondeu, após um momento de deliberação, «que horas eram quando chegámos àquele cume. Não me digas o minuto exato!» acrescentou apressadamente, percebendo um protesto a formar-se na cara do jovem. «Permito-te uma margem de erro de uma mera meia hora, é tudo o que peço ao filho da tua mãe! De seguida digo-te, sem errar uma polegada, quanto teremos percorrido entre as três e as nove.»

O jovem apenas soltou um gemido; porém, as expressões franzidas e rugas marcadas que se cruzavam na sua testa viril mostravam o abismo de agonia aritmética no qual uma pergunta fortuita o tinha mergulhado.

NÓ II.

APARTAMENTOS DISPONÍVEIS.

"A direito pelo caminho sinuoso,

E circulando pela quadra."

«Vamos perguntar ao Balbus», disse Hugh.

«Está bem», disse Lambert.

«*Ele* saberá», disse Hugh.

«Certamente», disse Lambert.

Não eram precisas mais palavras: os dois irmãos compreendiam-se perfeitamente.

Balbus esperava-os no hotel; ele dissera que a viagem o tinha cansado, por isso, os dois pupilos andavam a explorar o lugar em busca de alojamento sem o velho tutor do qual eram inseparáveis desde a infância. Eles chamavam-no assim por causa do herói do livro de exercícios de latim, que transbordava de histórias desse génio versátil — histórias cuja genialidade sensacional mais que compensava a ambiguidade dos pormenores. A partir da frase do manual, «O Balbus venceu todos os inimigos» o tutor teria escrito a moral à margem, «Valentia Triunfante». Desta maneira, ele tinha tentado extrair uma moral de cada história de Balbus — por vezes como aviso, como em «Balbus tinha pedido emprestado um dragão saudável», para o qual tinha escrito «Especulação Vertiginosa» — por vezes de encorajamento, como nas palavras «A influência do mútuo apoio em ações concertadas», que acompanhava a história «Balbus ajuda a sua sogra a convencer o dragão» — e por vezes limitavam-se a uma palavra, tal como «Prudência», que era tudo o que conseguia extrair do relato comovente de «Balbus, tendo queimado a cauda do dragão, foi embora.» Os seus pupilos gostavam mais das morais curtas, pois dava-lhes mais espaço para desenhar nas margens, e, neste caso, eles precisavam de todo o espaço possível para representar a célere partida do herói.

(IMAGEM)

O seu relatório sobre o estado das coisas era desencorajador. As termas mais modernas, Little Mendip, estavam a «abarrotar» (tal como disseram os rapazes) de uma ponta à outra. Mas numa praça tinham visto nada menos do que quatro cartazes, em diferentes casas, todos a anunciar em maiúsculas chamativas «APARTAMENTOS DISPONÍVEIS». «Então, como pode ver, existem várias opções», disse Hugh, o relator, por fim.

«Não podemos deduzir isso a partir dos dados disponíveis» disse Balbus, enquanto se levantava da poltrona onde tinha estado a dormitar sobre *The Little Mendip Gazzete*. «Podem ser só quartos de solteiro. No entanto, não custa nada ir vê-los. Bem gostaria de esticar um pouco as pernas.»

Um espectador livre de preconceitos poderia ter objetado esta ação, considerando-a desnecessária, e que esta criatura longa e esguia estaria melhor com pernas ainda mais curtas: mas tal pensamento não ocorreu aos seus adoráveis pupilos. Um em cada lado, dando o seu melhor para conseguirem acompanhar os seus passos gigantescos, enquanto Hugh repetia a frase escrita na carta do seu pai, que acabavam de receber do estrangeiro, e sobre a qual Lambert e ele estavam intrigados. «Ele diz que um amigo, o governador de — *como* é que ele se chamava, Lambert?» («Kgovjni» disse Lambert.) «Sim, isso. O governador de — o que tu disseste — quer dar um jantar *muito* íntimo e quer convidar o cunhado do seu pai, o sogro do seu irmão, o irmão do seu sogro e o pai do seu cunhado: e nós temos que adivinhar quantos convidados serão.»

Deu-se uma pausa tensa. «Qual é o tamanho que ele disse que o pudim deverá ter?» Balbus disse finalmente. «Pega no volume, divide pelo volume que cada homem consegue comer e o quociente será...»

«Ele não falou de pudim nenhum e aqui está a praça», disse Hugh assim que viraram a esquina e conseguiram ver os anúncios dos «apartamentos disponíveis.»

«É uma praça quadrada!» foi o primeiro grito de entusiasmo de Balbus enquanto olhava em seu redor. “Linda! Lin-da! Equilateral! *E* retangular!»

Os rapazes olharam em volta com menos entusiasmo. «A número nove é a primeira com um cartaz», disse Lambert prosaicamente; mas Balbus não acordaria tão depressa do seu êxtase de beleza.

«Vejam rapazes!» gritou. “Vinte portas de um lado! Quanta simetria! Cada lado dividido em vinte e uma partes iguais! É delicioso!»

«Bato à porta ou toco à campainha?» disse Hugh, olhando com alguma perplexidade para uma placa de latão quadrada com a simples inscrição «TOCA TAMBÉM.»

«Ambos», disse Balbus. «É uma elipse, meu rapaz. Nunca tinhas visto uma elipse?»

«Quase que não conseguia lê-la», disse Hugh, evasivamente. «De que serve ter uma elipse se não a limpam».

«Pois que temos *um* quarto, cavalheiros», disse sorridente a senhoria. «É um quarto agradável! Tão acolhedor quanto um quarto das traseiras pode...»

«Veremos», disse Balbus sombriamente, enquanto a seguiam para dentro. «Eu sabia que ia ser assim! Um quarto em cada casa! Sem vista, suponho?»

«Tem vista, pois, cavalheiro!» protestou a senhoria indignada enquanto abria a cortina e apontava para o jardim das traseiras.

«Couves, parece-me», disse Balbus. «Bem, pelo menos são verdes.»

«Que as verduras das lojas», explicou a anfitriã, «não são de fiar. Aqui tem-as à mão *e* são do melhor que há.»

«A janela abre?» era sempre a primeira pergunta de Balbus quando visitava um alojamento, e «A chaminé manda fumo?» a segunda. Satisfeito com todas as respostas, assegurou o quarto e os três dirigiram-se ao número vinte e cinco.

Esta senhoria era séria e severa. «Nã tenho mais c'um quarto livre,» disse-lhes, «e dá para o jardeim das traseiras».

«Mas tem couves?» sugeriu Balbus.

A senhoria tornou-se visivelmente mais afável. «Tem sim, senhor,» disse, «e das boas, mesmo que me fique mal dizê-lo. Nã nos podemos fiar nas verduras das lojas. Por isso, plantamos-as nós mesmos.»

«Uma vantagem singular,» disse Balbus, e, depois das questões habituais, foram até ao cinquenta e dois.

«Alojava-vos a todos de bom grado, se pudesse», foi a saudação com que foram recebidos. «Somos apenas mortais,» («Irrelevante!» murmurou Balbus) «e apenas me sobra um quarto.»

«E penso que será o quarto das traseiras», disse Balbus: «pelo que vejo são— são couves, presumo?»

«Certamente, senhor!» disse a anfitriã. «O que quer que os outros façam, *nós* plantamos as nossas. Pois as lojas...»

«Uma excelente solução!» interrompeu Balbus. «Assim temos a certeza de que serão boas. A janela abre?»

As questões habituais foram respondidas satisfatoriamente, mas, desta vez, Hugh acrescentou uma de sua própria invenção — «O gato arranha?»

A senhoria olhou em volta desconfiada, como que para ter a certeza de que o gato não estava a ouvir, «Eu não vos vou enganar, cavalheiros», disse. «Arranha *pois*, mas só se puxarem-lhe os bigodes! Nunca vai fazer-lo,» repetiu vagarosamente, num esforço visível para recordar as palavras exatas de um qualquer acordo por escrito entre ela e o gato, «sem que lhe puxarem os bigodes!»

«Há muito que pode ser perdoado num gato assim tratado», disse Balbus, enquanto saíam da casa e atravessavam até ao número setenta e três, deixando a senhoria a saudá-los à porta e a despedir-se num murmúrio para si mesma, como se se tratasse de uma bênção, «— só se puxarem-lhe os bigodes!»

No número setenta e três encontraram apenas uma rapariguinha tímida para lhes mostrar a casa, que lhes respondeu «sim ‘nino» a todas as questões.

«O mesmo quarto», disse Balbus, enquanto andavam: «o mesmo jardim das traseiras, as mesmas couves. Suponho que não arranjam melhor nas lojas?»

«Sim, ‘nino» disse a rapariga.

«Bem, podes dizer à tua senhora que ficamos com o quarto e que o facto de plantar as próprias couves é simplesmente admirável!»

«Sim, ‘nino» disse a rapariga, enquanto lhes indicava a saída.

«Uma sala e três quartos», disse Balbus enquanto voltavam para o hotel. «Alugaremos como sala de estar aquele que nos fizer andar menos.»

«Devemos andar de porta em porta a contar os passos?» disse Lambert.

«Não, não! Calculem, meus rapazes, calculem!» exclamou Balbus alegremente, enquanto punha canetas, tinta e papeis à frente dos seus desafortunados pupilos, saindo depois da sala.

«Ah! Isto vai-nos dar trabalho!» disse Hugh.

«A quem o dizes!» disse Lambert.

NÓ III

MATHESIS MALUCA

«Esperei pelo comboio»

«Bem, chamam-me assim porque eu *sou* um pouco maluca, acho eu», disse, bem-disposta, em resposta à pergunta cautelosamente feita pela Clara sobre o porquê de ela ter uma alcunha tão estranha. «Sabes, nunca faço nada daquilo que se espera que as pessoas normais façam hoje em dia. Nunca uso trens[1] longos, (por falar em trens, ali é a Estação Metropolitana de Charing Cross — tenho que te dizer uma coisa sobre *ela*), e nunca jogo ténis. Não sei cozinhar uma omelete. Nem de um membro partido sei tratar! Ora *aqui está* uma bela ignorante!»

Clara era sua sobrinha, vinte anos mais nova; na verdade, ela ainda andava na escola secundária — uma instituição sobre a qual Mathesis Maluca falava com franca aversão. «Ensinam a mulher a ser dócil e submissa!» ela dizia. «Não quero saber das vossas escolas!» Mas eram as férias e Clara era sua convidada. Mathesis Maluca andava a mostrar-lhe as paisagens da Oitava Maravilha do mundo — Londres.

«A Estação Metropolitana de Charing Cross!» continuou, acenando com a mão para a entrada como se estivesse a apresentar a sobrinha a um amigo. «A extensão de Bayswater e Birmingham está terminada e agora os comboios andam em círculo — contornando a fronteira do País de Gales, roçando York e outra vez de volta pela costa Este até chegar a Londres. O funcionamento dos comboios é *muito* peculiar. Os do Oeste completam a volta em duas horas; os do Este demoram três horas; mas conseguem sempre fazer partir dois comboios daqui, em direções opostas, pontualmente a cada quarto de hora.

«Separam-se para se voltarem a encontrar» disse Clara, os seus olhos a encherem-se de lágrimas com o pensamento romântico.

«Não precisas de chorar!» comentou a tia severamente. «Eles não se encontram na mesma linha. Por falar em encontro, tive uma ideia!» acrescentou, mudando de assunto com a sua brusquidão habitual. «Vamos em direções opostas e vemos quem se cruza com mais comboios. Não é

[1] N.T.: Em vestuário, um trem descreve a parte de trás longa de um manto, saia, combinação, ou vestido que arrasta.

necessário uma acompanhante — há um salão para senhoras. Vai na direção que quiseres e fazemos uma aposta!»

«Eu nunca aposto», disse Clara muito seriamente. «A nossa preceptora avisou-nos várias vezes...»

«Não serias pior por fazê-lo!» interrompeu Mathesis Maluca. «Na realidade, aposto que serias melhor!»

«A nossa excelente preceptora também não gosta de trocadilhos», disse Clara. «Mas vamos jogar, então. Deixe-me escolher o meu comboio», acrescentou após um breve cálculo mental, «e aposto que irei cruzar-me com tantos comboios quantos a tia, mais metade.»

«Não se não fizeres batota», interrompeu abruptamente Mathesis Maluca. «Lembra-te, apenas contamos os comboios com que nos cruzarmos *no caminho*. Não podes contar os comboios que partem ao mesmo tempo que o teu, nem os que chegam ao mesmo tempo.»

«Isso só fará *um* comboio de diferença», disse Clara, enquanto se viravam e entravam na estação. «Mas eu nunca viajei sozinha. Não haverá ninguém para me ajudar a desembarcar. Enfim, não importa. Vamos lá brincar com o fogo.»

Um rapazinho com ar esfarrapado ouviu o seu comentário e veio a correr atrás dela. «Compre fósforos, menina!» suplicou ele, puxando o seu xaile para chamar a atenção. Clara parou para explicar.

«Eu nunca não fumo charutos,» disse num tom dócil e apologético. «A nossa excelente preceptora...», mas Mathesis Maluca apressou-a impacientemente e o pequeno rapaz ficou a olhá-la com ar de deslumbrado.

As duas senhoras compraram os seus bilhetes e foram lentamente até à plataforma central, Mathesis Maluca a tagarelar como sempre — Clara silenciosa, a rever ansiosamente os cálculos nos quais depositava a sua esperança de ganhar.

«Vê lá por onde vais, querida!» gritou a sua tia parando-a mesmo a tempo. «Mais um passo e estarias dentro desse balde de água fria!»

«Eu sei, eu sei», disse Clara sonhadoramente. «Seria a pálida, fria e sonhadora[2]...»

---

[2] Shelley, Percy Bysshe: “Remorse” (1824). Todos os excertos foram traduzidos pela tradutora desta obra salvo indicação em contrário.

«Ocupem os vossos lugares nas pranchas!» gritou um porteiro ferroviário.

«*Para que servem*?» perguntou Clara num sussurro aterrorizado.

«São apenas uma ajuda para subirmos para o comboio», disse a senhora mais velha com a indiferença de quem já está habituada ao processo. «Muito poucas pessoas conseguem entrar na carruagem sem ajuda em menos de três segundos, e os comboios só param durante um segundo.» Nesse momento ouviu-se um apito e dois comboios entraram a toda a velocidade na estação. Um momento de pausa e já tinham ido embora; mas nesse breve instante várias centenas de passageiros foram disparados para dentro, cada um a voar diretamente para o seu lugar com a pontaria de uma bala Minié, e outros tantos choveram sobre as plataformas.

Tinham passado três horas e as duas amigas encontraram-se novamente na plataforma de Charing Cross, comparando notas entusiasticamente. Depois Clara virou-se num suspiro. Para corações jovens e impulsivos, como o dela, a desilusão é sempre amarga. Mathesis Maluca seguiu-a cheia de amabilidade e compaixão.

«Tentas outra vez, minha querida!» disse alegremente. «Vamos alterar a experiência. Arrancamos como da outra vez, mas apenas começamos a contar quando os nossos comboios se cruzarem. Quando nos virmos, dizemos "Primeiro!" e continuamos a contar até voltarmos aqui.»

Clara alegrou-se. «Assim consigo ganhar,» exclamou com entusiasmo, «se puder escolher o meu comboio!»

Outra vez o apito dos motores, outra vez o agitar das pranchas, outra vez a avalanche viva a atirar-se para dentro de dois comboios enquanto passavam: e as viajantes seguiram caminho.

Cada uma olhava entusiasticamente através da janela da sua carruagem, acenando o lenço num sinal para a sua amiga. Um rebuliço e um rugido. Dois comboios passaram velozmente um pelo outro no túnel e duas passageiras inclinaram-se para trás nos seus cantos com um suspiro — ou antes, dois suspiros — de alívio. «Primeiro!» sussurrou Clara para si própria. «Em primeiro! É uma palavra de bom presságio. Desta vez, dê por onde der, a vitória será minha!»

Será que foi?

NÓ IV

A POSIÇÃO ESTIMADA

«Eu realmente sonhei com sacos de dinheiro esta noite»

Ao meio-dia em mar aberto a alguns graus do Equador é normal estar um calor sufocante; e os nossos viajantes estavam agora com vestes frescas de um linho deslumbrantemente branco, tendo deixado as cotas de malha, que lhes havia parecido serem não só suportáveis no ar fresco das montanhas que tinham respirado ultimamente, como também necessárias como precaução contra as adagas dos bandidos que infestavam a serra. A sua viagem de férias tinha acabado e estavam agora a caminho de casa no paquete que unia os dois grandes portos da ilha que tinham estado a explorar.

Junto com as suas armaduras, os turistas tinham posto de lado o discurso antiquado que se divertiram a imitar quando estavam disfarçados de cavaleiros e tinham voltado ao estilo comum de dois cavalheiros rurais do século XX.

Estirados sobre uma pilha de almofadas, por baixo da sombra de um chapéu-de-sol gigante, observavam preguiçosamente alguns pescadores locais, que tinham subido a bordo na última paragem, cada um a carregar nos ombros um pequeno, mas pesado saco. No convés, estava uma grande máquina de pesagem, que tinha sido usada para os carregamentos no último porto; os pescadores estavam reunidos à sua volta e, numa tagarelice ininteligível, pareciam estar a pesar os seus sacos.

«Mais parecem pardais numa árvore do que humanos a falarem, não é?» comentou o turista mais velho com o seu filho, que sorriu debilmente, mas que não se deu ao trabalho de responder. O velho homem tentou outro interlocutor.

«O que trazem eles naqueles sacos, capitão?» perguntou enquanto esse eminente ser passava por eles no seu interminável desfile para lá e para cá no convés.

O capitão deteve-se na sua marcha e destacou-se sobre os viajantes — alto, sério e com serena autossatisfação.

«Os pescadores», explicou, «são passageiros frequentes no Meu barco. Estes cinco são de Mhruxi — o último lugar onde atracamos — e é assim que eles transportam o dinheiro. O dinheiro desta ilha é pesado, cavalheiros, mas vale pouco, como podem perceber. Nós compramo-lo ao peso — cerca de cinco xelins a libra. Creio que uma nota de dez libras compra todos aqueles sacos.»

Por esta altura o velho homem já tinha fechado os olhos — sem dúvida, de modo a concentrar o seu pensamento nestes dados interessantes; mas o capitão não percebeu o seu motivo real e com um grunhido retomou a sua marcha monótona.

Entretanto, os pescadores estavam a ficar tão barulhentos ao pé da máquina de pesar que, por precaução, um dos marinheiros se afastou com todos os pesos, deixando-os a entreterem-se entre eles com o que encontravam: manivelas, pinos de segurança, etc. Isto levou o seu entusiasmo a um fim abrupto, pelo que esconderam cuidadosamente os seus sacos nas dobras da vela bujarrona que estava no convés perto dos turistas e foram embora.

Assim que os pesados passos do capitão voltaram a passar, o homem mais jovem levantou-se para falar.

«*Como* se chama o lugar de onde aqueles homens vieram, capitão?» perguntou.

«Mhruxi, senhor.»

«E o nosso destino?»

O capitão respirou fundo, mergulhou na palavra e emergiu nobremente. «Eles chamam-na de Kgovjni, senhor.»

«K— desisto!» disse o jovem frouxamente.

Esticou a mão para um copo de água gelada que o empregado compassivo tinha trazido há um minuto, mas que tinha pousado, por azar, fora da sombra do chapéu. Estava a escaldar e decidiu não a beber. O esforço de tomar esta decisão, aliado à conversa cansativa que acabara de ter, era demasiado para ele: voltou a afundar-se nas almofadas em silêncio.

O seu pai tentou cortesmente reparar a sua *indiferença*.

«Onde estamos agora, Capitão?» disse, «Tem alguma ideia?»

O capitão lançou um olhar compassivo ao ignorante homem da terra. «Eu poderia dizer-lhe *isso*, senhor,» disse, num tom de elevada condescendência, «com a precisão de uma polegada!»

«Não me diga!» comentou o velho homem num tom de surpresa apagada.

«É o que lhe digo e o que lhe quero dizer,» insistiu o capitão. «Ora, o que acha que seria do Meu barco se perdesse a Minha Longitude e a Minha Latitude? *Têm* algo a dizer da Minha Posição Estimada?»

«Ninguém teria, com certeza!» replicou o outro com entusiasmo.

Mas tinha exagerado.

«É *perfeitamente* inteligível,» disse o capitão, num tom ofendido, «para qualquer entendido em tais coisas.» Afastou-se com estas palavras e começou a dar ordens aos homens que se preparavam para içar a bujarrona.

Os nossos turistas assistiam à operação com tal interesse que nenhum deles se lembrou dos cinco sacos de dinheiro, que de repente, no momento em que o vento levantou a bujarrona, foram lançados borda fora, caindo pesadamente no mar.

Mas os pobres pescadores não tinham esquecido os seus pertences assim tão facilmente. Chegaram a correr num instante e gritavam furiosamente apontando ora para o mar ora para os marinheiros que tinham causado tal desastre.

O velho homem explicou o que se passara ao capitão.

«Vamos tratar disto entre nós,» acrescentou em conclusão. «Penso que disse que dez libras chegariam?»

(IMAGEM) pág. 24

Mas o capitão rejeitou a sugestão com um gesto da mão.

«Não, senhor!» disse pomposamente. «Seguramente que Me desculpará, mas estes são os Meus passageiros. O acidente aconteceu a bordo do Meu navio e sob as Minhas ordens. Cabe-me a Mim compensá-los.” Virou-se para os pescadores zangados. “Venham cá, meus homens!» disse no dialeto Mhruxiano. «Digam-me o peso de cada saco. Vi-vos a pesá-los ainda agora.»

O que se seguiu foi uma perfeita gritaria enquanto os cinco nativos explicavam, todos a gritar ao mesmo tempo, como os marinheiros tinham levado os pesos e como eles tinham feito o que podiam com o que tinham à mão.

Enquanto o capitão vigiava e anotava os resultados, pesaram meticulosamente dois pinos de segurança de ferro, três blocos, seis pedras-pomes, quatro manivelas e um martelo grande. Mas o assunto não ficou por aqui: seguiu-se uma acesa discussão entre os marinheiros e os cinco nativos e, por fim, o capitão abordou os nossos turistas com um olhar desconcertado que tentou disfarçar com uma gargalhada.

«É um problema absurdo,» disse. «Talvez um dos cavalheiros tenha alguma sugestão. Parece que eles pesaram dois sacos de cada vez!»

«Se eles não tiverem feito cinco pesagens separadas, claro que não conseguimos saber o valor de cada saco,» disse o jovem precipitadamente.

«Vamos lá ver,» disse o velho mais cautelosamente.

«Eles mediram cinco vezes separadamente,» disse o capitão, «mas— bem, isto passa-*me* completamente ao lado!» acrescentou, numa explosão repentina de sinceridade. «Eis o que me deu. O primeiro e o segundo saco pesavam doze libras; o segundo e o terceiro, treze libras e meia; terceiro e quarto, onze e meio; quarto e quinto, oito; e depois disseram que apenas sobrava o martelo grande cujo peso equivalia a três sacos— o primeiro, terceiro e quinto— e esses pesavam dezasseis libras. Aí está, cavalheiros! Alguma vez tinham visto algo *assim*?»

O velho homem murmurou baixinho «se ao menos a minha irmã aqui estivesse!» e olhou impotente para o filho. O filho olhou para os cinco nativos. Os cinco nativos olharam para o capitão. O capitão não olhou para ninguém: com os olhos abatidos, parecia dizer baixinho para si mesmo «Contemplem-se uns aos outros, cavalheiros, se tal for do vosso agrado. *Eu* contemplo-me a *mim próprio*!»

NÓ V

ZEROS E CRUZES

«Olha aqui, neste quadro e neste.»

«E o que te fez escolher o primeiro comboio, tontinha?» disse Mathesis Maluca, enquanto entravam no táxi. «Não sabias contar melhor do que *isso*?»

«Eu peguei num caso extremo,» foi a resposta chorosa. «A nossa excelente perceptora diz sempre “Na dúvida, minhas queridas, peguem num caso extremo.” E eu *estava* na dúvida.»

«E dá sempre resultado?» perguntou a tia.

Clara suspirou. «Nem sempre,» admitiu relutantemente. «E eu não sei porquê. Um dia a preceptora estava a dizer às meninas mais novas — elas fazem tanto barulho durante o chá — “Quanto mais barulho fizerem, menos compota terão e *vice-versa*.” E eu pensei que elas não saberiam o significado de *vice-versa*: então expliquei-lhes. Disse “Se fizerem um barulho infinito, não terão compota; se não fizerem barulho nenhum, terão uma quantidade infinita de compota.” Mas a nossa excelente perceptora disse que não era um bom exemplo. *Porque* é que não era?» acrescentou queixosa.

A sua tia evitou a pergunta. «é possível imaginar algumas objeções,» disse. «Mas como é que fizeste com os comboios? Nenhum deles anda infinitamente rápido, tanto quanto sei.»

«Chamei-lhes lebres e tartarugas», disse Clara — timidamente, pois tinha receio de que se rissem dela. «E pensei que não poderia haver tantas lebres quanto tartarugas na mesma linha: então peguei num caso extremo— uma lebre e um número infinito de tartarugas.»

«Um caso extremo, realmente», observou a sua tia com admirável seriedade: «e um estado de coisas muito perigoso!»

«E eu pensei que, se escolhesse uma tartaruga, só haveria uma lebre a encontrar: mas se eu fosse na lebre, haveria montes de tartarugas!»

«Não foi uma má ideia,» disse a senhora mais velha, enquanto saiam do táxi, à entrada Burlington House. «Hoje terás mais uma oportunidade. Vamos fazer um torneio a classificar quadros.»

Clara animou-se. «Eu gostaria imenso de tentar outra vez,» disse. «Terei mais cuidado desta vez. Como é que vamos jogar?»

A esta pergunta, Mathesis Maluca não respondeu: estava ocupada a desenhar linhas nas margens do catálogo. «Olha,» disse passado um minuto, «desenhei três colunas junto dos nomes dos quadros na sala grande e quero que as preenchas com zeros e cruzes— cruzes para pontos bons e zeros para maus. A primeira coluna é para a escolha do tema, a segunda para a composição e a terceira para a cor. E estas são as regras do torneio. Tens de dar três cruzes a dois ou três quadros. Tens de dar duas cruzes a quatro ou cinco —»

«Quer dizer *apenas* duas cruzes?» disse Clara. «Ou posso contar como quadros de duas cruzes os que têm três cruzes?»

«Claro que podes,» disse a tia. «Podemos dizer que qualquer pessoa com *três* olhos tem *dois* olhos, não é?»

Clara seguiu o olhar sonhador da tia através da galeria cheia de pessoas, meio receosa por poder encontrar uma pessoa com três olhos.

«E deves dar uma cruz a nove ou dez quadros.»

«E quem ganha?» perguntou Clara, enquanto escrevia cuidadosamente estas regras numa página em branco do seu catálogo.

«Quem pontuar menos quadros.»

«E se pontuarmos o mesmo número?»

«Nesse caso, será quem pontuar mais.»

Clara pensou sobre isso. «Não me parece que seja um grande torneio», disse. «Devo pontuar nove quadros e dar três cruzes a três deles, duas cruzes a dois outros e uma cruz aos restantes.»

«Ai sim?» disse a tia. «Espera até ouvires todas as regras, minha criança impetuosa. Deves dar três zeros a um ou dois quadros, dois zeros a três ou quatro quadros e um zero a oito ou nove. Não quero que sejas *muito* rigorosa com os membros da Royal Academy.»

Clara ficou ofegante enquanto escrevia todas estas novas regras. «É muito pior que os decimais periódicos!» disse. «Mas, mesmo assim, estou determinada a ganhar!»

A sua tia fez um sorriso sinistro. «Podemos começar por *aqui*,» disse quando pararam em frente a um quadro gigante, que o catálogo dizia ser o «Retrato do Tenente Brown, montado no seu elefante preferido.»

«Ele parece terrivelmente pretensioso!» disse Clara. «Não me parece que ele fosse o Tenente preferido do elefante. Que quadro horrível! E ocupa o espaço de vinte quadros!»

«Vê lá o que dizes, minha querida!» interveio a sua tia. «É de um membro da Royal Academy!»

Mas para Clara não importava. «Não quero saber de quem é!» gritou. «Vou dar-lhe três pontos maus!»

Tia e sobrinha rapidamente se separaram uma da outra no meio da multidão e durante meia hora Clara esteve empenhada a escrever os pontos e a apagá-los outra vez, e à caça de quadros que fossem adequados. Esta era a parte mais difícil. «Não consigo encontrar o que quero!» exclamou por fim, quase a chorar de frustração.

«O que é que procuras, minha querida?» Clara não reconheceu a voz, mas era tão doce e suave que se sentiu atraída para a sua dona mesmo antes de a ter visto. Quando se virou e viu os olhares sorridentes de duas pequenas senhoras mais velhas, cujas caras redondas e com covinhas, praticamente iguais, pareciam nunca ter tido uma única preocupação, teve de fazer um esforço — tal como confessou à tia Mattie depois — para não as abraçar. «Eu estava à procura de um quadro» disse, «que tivesse um bom tema — e que esteja composto— mas mal colorido.»

As senhoras olharam uma para a outra um pouco alarmadas. «Tem calma, minha querida», disse a que tinha falado primeiro, «e tenta lembrar-te qual era o quadro. *Qual* era o tema?»

«Seria um elefante, talvez?» sugeriu a outra irmã. Ainda conseguiam ver o Tenente Brown.

«Não sei!» respondeu Clara impetuosamente. «Sabe, o tema não interessa para nada, desde que seja bom!»

As irmãs voltaram a trocar um olhar de alarme e uma delas sussurrou algo à outra; Clara apenas conseguiu decifrar a palavra «maluca».

«Estão a referir-se à tia Mattie, claro,» disse para si mesma — imaginando, na sua inocência, que Londres era como a sua cidade natal, onde todos se conheciam. «Se se referem à minha tia,» acrescentou alto, «ela está *ali* — três quadros à frente do Tenente Brown.»

«Ah, bem! Então é melhor ires ter com ela, minha querida!» disse a sua nova amiga num tom suave. «*Ela* irá encontrar o quadro que queres. Adeus, querida!»

«Adeus, querida!» repetiu a outra irmã, «Vê lá, não percas a tua tia de vista!» E a dupla rumou a outra sala, deixando Clara espantada com as suas maneiras.

«Elas são mesmo queridas!» disse para si mesma. «Pergunto-me porque lhes dou tanta pena!» E seguiu a vaguear, enquanto murmurava para si mesma «Deve ter dois pontos bons e...»

NÓ VI

SUA RESPLANDECÊNCIA

«Uma coisinha eu tenho,

sem essa coisinha nada posso fazer.

Tu não sabes que coisinha é essa de que falo?

Bambu.»[3]

Desembarcaram e foram de imediato conduzidos até ao palácio. A cerca de meio do caminho o governador foi ao encontro deles, dando-lhes as boas-vindas em inglês — um enorme alívio para os nossos viajantes, cujo guia nada falava para além de Kgovjniano.

«Não gosto minimamente da maneira com que sorriem para nós quando passamos!» disse o velho homem para o seu filho. «E porque é que dizem "bambu!" tantas vezes?»

«Refere-se a um costume local,» respondeu o governador, que tinha ouvido a pergunta. «Nas pessoas que por qualquer razão desagradam Sua Resplandecência geralmente bate-se com varas.»

IMAGEM PAG. 35

O velho homem estremeceu. «Um costume local do mais reprovável!» observou com uma forte enfâse. «Quem me dera nunca termos desembarcado! Reparaste naquele homem negro, Norman, a abrir a sua grande boca para nós? Acredito piamente que gostaria de nos comer!»

Norman dirigiu-se ao governador, que caminhava do seu outro lado. «É comum comerem estrangeiros distintos aqui?» perguntou num tom tão indiferente quanto possível.

«Nem frequentemente, nem nunca!» foi a resposta tranquilizadora. «Não são bons para comer. Comemos porcos pois são gordos. Este velho homem é magro.»

«Felizmente!» murmurou o velho viajante. «Que nos vão dizer "toma lá que já comeste!" enquanto nos batem, disso não haja dúvida! Meu querido rapaz, olha para os pavões!»

[3] N.T.: No texto original está escrito conforme a fala dos súbditos coloniais, na tradução optou-se por não reproduzir este registo por ser desajustado e potencialmente ofensivo.

Caminhavam agora entre duas filas contínuas dessas deslumbrantes aves, cada uma mantida no lugar através de uma coleira e correia de ouro, segurada por um escravo negro que se mantinha bem atrás, de maneira a não interromper a visão da cauda cintilante com o seu intricado de penas trémulas e os seus cem olhos.

O governador sorriu orgulhosamente. «Em vossa honra,» disse, «Sua Resplandecência encomendou mais de dez mil pavões adicionais. Ela irá, sem dúvida, condecorar-vos, antes de partirem, com as habituais Chapa e Plumas.»

«Será antes uma Chapada!» disse vacilante um dos seus ouvintes.

«Vá lá! Não desanime!» disse o outro. «A mim tudo isto me parece encantador.»

«Tu és jovem, Norman,» suspirou o seu pai; «jovem e otimista. Para mim é encantador, mas sem 'encanta'.»

«O mais velho está triste,» observou o governador com alguma ansiedade. «Ele cometeu, sem dúvida, um crime terrível?»

«Olhe que não!» exclamou o pobre cavalheiro mais velho. «Diz-lhe que não, Norman!»

«Não cometeu, até agora,» explicou Norman gentilmente. E o governador repetiu, num tom satisfeito, «Até agora.»

«O vosso país é maravilhoso!» concluiu o governador, após uma pausa. «Ora, aqui temos uma carta de um amigo meu, um comerciante, em Londres. Ele e o irmão foram para lá há um ano, com mil libras cada um; e no dia de Ano Novo tinham sessenta mil libras entre os dois!»

«Como é que conseguiram?» perguntou Norman com grande interesse. Até o viajante mais velho parecia entusiasmado.

O governador entregou-lhe a carta aberta. «Qualquer um pode fazê-lo, assim que o saibam fazer,» dizia a missiva enigmática. «Zero pedimos; zero roubámos. Começámos o ano apenas com mil libras cada e no primeiro dia do Ano Novo tínhamos sessenta mil libras entre nós — sessenta mil soberanos de ouro!»

Norman estava sério e pensativo ao devolver a carta. O seu pai atirou uma hipótese. «Foi através de apostas?»

«Um Kgovjniano nunca aposta,» disse o governador seriamente enquanto os conduzia pelos portões do palácio. Seguiram-no em silêncio através de um longo corredor e depressa chegaram a uma grandiosa entrada forrada inteiramente com penas de pavões. No centro, havia uma pilha de almofadas carmesim que quase escondiam a figura de Sua Resplandecência — uma pequena donzela rechonchuda, num manto de cetim verde com estrelas prateadas, cuja face redonda e pálida se iluminou por um momento com um meio sorriso enquanto os viajantes se curvavam perante ela, e depois retomou a exata expressão que era exatamente a de uma boneca de cera, enquanto murmurava languidamente uma ou duas palavras no dialeto Kgoviano.

O governador interpretou. «Sua Resplandecência dá-vos as boas-vindas. Sua Resplandecência repara na Placidez Impenetrável do mais velho e na Impercetível Perspicácia do jovem.»

Então a pequena potestade bateu as mãos e um grupo de escravos apareceu imediatamente carregando bandejas com café e doces que ofereceram aos convidados, os quais, ao sinal do governador, se tinham sentado no tapete.

«Drageias!» murmurou o velho homem. «É como se estivéssemos numa confeitaria! Pede um pão de leite, Norman!»

«Fale mais baixo!» sussurrou o filho. «Faça um elogio!» Pois era evidente que o governador esperava um discurso.

«Nós agradecemos a Sua Elevada Potência,» começou o velho timidamente. «Deleitamo-nos na luz do seu sorriso, o qual—»

«As palavras de homens velhos são fracas!» interrompeu zangado o governador. «Deixai a juventude falar!»

«Diga-lhe,» exclamou Norman num rasgo selvagem de eloquência, «que, tal como dois gafanhotos num vulcão, nós murchamos na presença de sua Veemência Lantejoulada!»

«Muito bem,» disse o governador e traduziu para Kgovjniano. «Devo agora dizer-vos,» continuou, «o que Sua Resplandecência exige de vocês antes que partam. A competição anual para o cargo de Costureira Imperial de Lenços acaba de terminar e vocês são o júri. Deverão ter em conta o ritmo de trabalho, a leveza dos lenços e a sua capacidade para aquecer. Normalmente os participantes diferem apenas em um ponto. Por isso, no ano passado, a Fifi e a Gogo fizeram o mesmo número de lenços na semana da competição e estes eram igualmente leves; mas os da Fifi eram duas vezes mais quentes do que os da Gogo e por isso ela foi pronunciada duas vezes melhor. Mas este ano, ai de mim, quem os poderá avaliar? Temos três candidatas e elas diferem em todos os pontos! Enquanto não se decidirem, deverão ficar gratuitamente alojados, Sua Resplandecência pediu-me que vos dissesse, na melhor masmorra e alimentados em abundância com o melhor pão e a melhor água.»

O velho homem gemeu. «Tudo está perdido!» exclamou em desespero. Mas Norman não fez caso dele; tinha tirado o seu bloco de notas e estava calmamente a anotar os pormenores.

«São três,» continuou o governador, «Lolo, Mimi e Zuzu. A Lolo faz 5 lenços enquanto a Mimi faz 2, mas a Zuzu faz 4 enquanto a Lolo faz 3! Mais ainda, o trabalho da Zuzu é tão delicado que 5 lenços seus não pesam mais do que 1 da Lolo; ainda assim os da Mimi são ainda mais leves: 5 dos dela pesam o mesmo que 3 da Zuzu! Quanto à sua capacidade para aquecer, um da Mimi equivale a 4 da Zuzu; no entanto, um da Lolo é tão quente quanto 3 da Mimi!»

A pequena dama bateu as mãos novamente.

«É sinal para que partamos!» disse o governador rapidamente. «Prestem a Sua Resplandecência os vossos cumprimentos e saiam andando de costas.»

Caminhar foi a única coisa o que o turista mais velho conseguiu fazer. Norman disse simplesmente «Diga a Sua Resplandecência que estamos paralisados pelo espetáculo de Seu Brilho Sereno e que nos despedimos agonizantemente de Sua Lactescência Condensada!»

«Sua Resplandecência está satisfeita,» reportou o governador após traduzir as palavras adequadamente. «Sua Resplandecência lança sobre vocês um olhar dos Seus Olhos Imperiais e está confiante de que o apanharão!»

«Garanto-lhe que isso faremos!» lamentou distraidamente para si próprio o velho viajante.

Mais uma vez curvaram-se, seguindo depois o governador por uma escada em caracol até à Masmorra Imperial. Esta tinha as paredes cobertas por mármore colorido, com iluminação no teto e mobilada de forma esplendorosa, ainda que não luxuosa, com um banco de malaquita polida. «Estou confiante de que não tardarão a completar os cálculos», disse o governador, conduzindo-os com muita cerimónia. «Tenho testemunhado uma muita inconveniência — grande e séria inconveniência — a desabar sobre aqueles infelizes que se atrasaram a executar as ordens de Sua Resplandecência! E neste caso Sua Resplandecência está determinada, disse o que deverá e será feito; e encomendou mais dez mil bambus adicionais!» Deixou-os com estas palavras e ouviram-no a trancar a porta do lado de fora.

«Eu disse-te como isto iria acabar!» lamentou o velho viajante, contorcendo as mãos, e esquecendo na sua angústia que tinha sido ele próprio a propor esta expedição e que nunca tinha previsto algo do género. «Se nos pudéssemos ver livres deste aperto miserável!»

«Coragem!» gritou o jovem para o animar. «*Haec olim meminisse juvabit!* O final de tudo isto será glorioso!»

«Glorioso ou doloroso!» foi tudo o que o pobre homem conseguiu dizer enquanto se balançava para a frente e para trás no banco de malaquite. «Glorioso ou doloroso!»

NÓ VII

TROCOS

«Miserável é o escravo que paga»

«Tia Mattie!»

«Minha querida?»

«Poderia escrevê-lo já? Tenho a *certeza* de que me esquecerei se não o fizer!»

«Minha querida, temos de esperar até que o táxi pare. Como conseguirei escrever o que quer que seja no meio de tantos abanões?»

«Mas eu irei *mesmo* esquecer-me!»

A voz da Clara tomou o tom queixoso ao qual a sua tia não era capaz de resistir e com um suspiro a velha senhora tirou o seu caderno de marfim e preparou-se para registar o que Clara tinha acabado de gastar na confeitaria. Os seus gastos eram sempre cobertos pela sua tia, mas a pobre rapariga sabia, por experiência amarga, que mais cedo ou mais tarde «Mathesis Maluca» esperaria um registo exato de cada centavo gasto, e esperou com impaciência mal disfarçada enquanto a velha senhora virava as tabuinhas uma e outra vez, até encontrar uma intitulada «TROCOS».

«Aqui está,» disse por fim, «e aqui temos o almoço de ontem devidamente anotado. *Um copo de limonada* (porque é que não bebes água como eu?) *três sanduíches* (Eles nunca põem nem metade da mostarda que deveriam. Eu disse-o à menina, na cara dela; e ela empinou o nariz — quanta impudência!) *e sete biscoitos. Total: uma libra e dois centavos*. Então, e vamos lá a hoje?»

«Um copo de limonada —» começou por dizer Clara quando de repente o táxi parou e já o amável porteiro ferroviário a ajudava a descer antes mesmo de ela ter tempo de acabar a frase.

A tia guardou de imediato o seu caderno. «Negócios primeiro,» disse, «os trocos — que independentemente do que *tu* pensas são uma forma de prazer— virão depois». E virou-se para pagar ao taxista, enquanto dava uma imensidão de ordens quanto à bagagem, totalmente surda às suplicas tristes da sua sobrinha para que terminasse de o registo do almoço.

«Minha querida, tens mesmo de cultivar uma mente mais ampla!» foi todo o consolo que garantiu à pobre rapariga. «Não é a tabuinha da tua memória ampla o suficiente para registar um único almoço?»

«Não é suficientemente grande! Nem chega a metade!» foi a sua resposta fervorosa.

As palavras ouviram-se com clareza, mas a voz não era a da Clara e ambas se viraram com alguma surpresa para ver quem se tinha imiscuído tão subitamente na conversa. Uma senhora pequena, velha e gorda estava parada à porta de um táxi, a ajudar o taxista a retirar o que parecia ser uma cópia exata dela mesma; não seria tarefa fácil decidir qual era mais gorda, ou qual parecia a mais bem-humorada das duas irmãs.

«Eu bem digo que a porta do táxi não tem nem metade da largura necessária!» repetiu, enquanto a irmã finalmente emergiu como uma cortiça atirada de uma pistola de brincar, e virou-se para apelar a Clara. «Não é, querida?» disse, esforçando-se para franzir uma cara sorridente coberta de covinhas.

«Algumas gentes é que são largas de mais para ela», rosnou o taxista.

«Não me provoque, homem!» gritou a velha senhora no que para ela era uma tempestade de fúria.

(IMAGEM) p.46

«Diga mais uma palavra, e eu levo-o ao tribunal de primeira instância e processo-o por *Habeas Corpus!*» O taxista tocou no seu chapéu e marchou dali para fora com um sorriso.

«Nada como um pouco de Lei para intimidar os rufias, minha querida!» disse em confidência a Clara. «Viste como se acobardou quando mencionei o *Habeas Corpus*? Não que eu saiba o que significa, mas soa grandioso, não é?»

«É muito irritante,» respondeu Clara vagamente.

«Muito!» repetiu avidamente a velha senhora. «E nós estamos muito irritadas. Não estamos, irmã?»

«Nunca fiquei tão irritada na minha vida!» a irmã mais gorda assentiu, radiantemente.

Por esta altura, Clara já as tinha reconhecido do museu e, puxando a tia para o lado, explicou apressadamente as suas reminiscências. «Conhecias primeiro na Academia Real, e elas foram muito simpáticas comigo, e ainda agora estavam a almoçar na mesa ao nosso lado, e elas tentaram ajudar-me a encontrar o quadro que eu queria, e tenho a certeza de que são velhotas adoráveis!»

«São tuas amigas?» disse Mathesis Maluca. «Bem, gosto do aspeto delas. Podes ser cordial com elas enquanto eu trato dos bilhetes. Mas tenta organizar as tuas ideias mais cronologicamente!»

E assim aconteceu que as quatro senhoras se sentaram lado a lado no mesmo banco enquanto esperavam pelo comboio e falavam como se se conhecessem há anos.

«A isto eu chamo uma coincidência extraordinária!» exclamou a mais pequena e faladora das duas irmãs — aquela cujo conhecimento legal tinha aniquilado o taxista. «Não apenas que estejamos à espera do mesmo comboio e na mesma estação — o que *por si só* já seria curioso— mas exatamente no mesmo dia, à mesma hora! É isso que *me* impressiona tanto! Ela olhou para a irmã mais gorda e silenciosa, cuja missão de vida parecia ser concordar com a opinião da família, e que humildemente respondeu:

«A mim também, irmã!»

«Essas coincidências não são *independentes* —» estava Mathesis Maluca a começar a dizer quando Clara se aventurou a intervir.

«Aqui não há abanões,» suplicou docilmente. «Importa-*se* que o escrevamos agora?»

Uma vez mais apareceram as tabuinhas de marfim. «O que era, então?» disse a tia.

«Um copo de limonada, uma sanduiche, um biscoito — oh não!» exclamou a pobre Clara, o tom de historiadora convertido num lamento de agonia.

«Dor de dentes?» disse a tia calmamente, enquanto escrevia os itens. As duas irmãs abriram as suas bolsas instintivamente e tiraram diferentes remédios para a neuralgia, cada qual marcado com «inigualável».

«Não é isso!» disse a pobre Clara. «Muito obrigada. É que eu não me *consigo* lembrar de quanto paguei!»

«Então tenta calcular,» disse a tia. «Tens o almoço de ontem para te ajudar. E aqui está o almoço do dia anterior — o primeiro dia em que lá fomos — *um copo de limonada, quatro sanduíches, dez biscoitos. Total:*

uma libra e cinco centavos.» Passou as tabuinhas a Clara, que as olhou com olhos tão turvos de lágrimas que nem reparou que as estava a segurar de pernas para o ar.

As duas irmãs tinham estado a ouvir tudo com profundo interesse e nesse momento a mais pequena colocou gentilmente a mão no braço de Clara.

«Sabes minha querida», disse convincentemente, «eu e a minha irmã temos exatamente o mesmo problema! É completamente idêntico: exatamente o mesmo problema! Não é, irmã?»

«Completamente idêntico e absolutamente o mesmo —» começou a irmã mais gorda, mas estava a construir a frase numa escala demasiado grande e a mais pequena não esperou que terminasse.

«Sim, minha querida,» concluiu; «nós estivemos a almoçar no mesmo sítio que vocês — consumimos dois copos de limonada, três sanduíches e cinco biscoitos — e nenhuma de nós faz a mais pequena ideia de quanto pagámos. Não é, irmã?»

«De maneira idêntica e absolutamente—» murmurou a outra, a qual evidentemente considerava ter uma frase em atraso e procurava libertar-se de uma obrigação antes de contrair novas dívidas; mas a pequena senhora interrompeu-a outra vez e ela retirou-se falida da conversa.

«*Poderias* fazer o cálculo por nós, minha querida?» suplicou a pequena velha senhora.

«Sabes aritmética, presumo?» disse a tia, um pouco ansiosa, enquanto Clara passava de uma tabuinha à outra tentando, em vão, organizar os seus pensamentos. A sua mente estava com uma branca e toda a expressão humana estava rapidamente a desvanecer-se da sua cara.

Seguiu-se um silêncio sombrio.

NÓ VIII

DE OMNIBUS REBUS

«Este porquinho foi ao mercado;

Este porquinho ficou em casa.»

«Por ordem expressa de Sua Resplandecência,» disse o governador, enquanto conduzia os viajantes, uma última vez, para longe da presença imperial, «deverei agora ter o êxtase de vos escoltar até nada mais do que o portão exterior do Quartel Militar, onde a agonia da partida deve ser suportada, se a Natureza conseguir sobreviver ao choque. A partir desse portão partem grurmstipths a cada quarto de hora em ambos os sentidos...»

«Poderia repetir essa palavra?» disse Norman. «Grurm—?»

«Grurmstipths», repetiu o governador. «Vocês chamam-lhes autocarros em Inglaterra. Circulam em ambos os sentidos e vocês podem apanhar um até ao porto.»

O velho homem suspirou de alívio; as quatro horas de cerimónia tinham-no esgotado e estava constantemente num terror de que algo justificasse o uso dos dez mil bambus adicionais.

No minuto seguinte estavam a atravessar um grande quadrângulo, pavimentado a mármore e elegantemente decorado com uma pocilga em cada canto. Os soldados, a carregar porcos, marchavam em todas as direções e no meio estava um oficial gigante a dar ordens numa voz de trovão, que se fazia ouvir por cima de todo o tumulto dos porcos.

«É o comandante-supremo!» murmurou o governador apressadamente aos seus companheiros, que por uma vez seguiram o seu exemplo, prostrando-se perante o grande homem. O comandante curvou-se solenemente de volta. Estava coberto em renda dourada dos pés à cabeça; a sua cara apresentava uma expressão de profunda angústia e tinha um porquinho preto debaixo de cada braço. Ainda assim, no meio de todas as ordens que dava constantemente aos seus homens, o galante homem fez o seu melhor para se despedir cortesmente dos convidados que estavam de partida.

«Adeus, ó velho homem — leva estes três ao canto sul — e adeus a ti, a ti o jovem— põe este gordo em cima dos outros na pocilga ocidental — que as vossas sombras nunca diminuam — Ai de mim, isso está mal feito! Esvaziem todas as pocilgas e recomecem!» E o soldado apoiou-se sobre a sua espada e limpou uma lágrima.

«Ele está angustiado,» explicou o governador enquanto saiam do pátio. «Sua Resplandecência ordenou-lhe que colocasse vinte e quatro porcos naquelas quatro pocilgas de modo a que, quando ela andar pelo pátio, possa sempre encontrar em cada pocilga um número mais próximo de dez do que na anterior.»

«Ela concorda que dez está mais próximo de dez do que nove?» disse Norman.

«Certamente,» disse o governador. «Sua Resplandecência concordaria que dez está mais próximo de dez do que nove — e também mais próximo do que onze.»

«Então acho que pode ser feito,» disse Norman.

O governador abanou a cabeça. «O comandante anda a mudá-los em vão já faz quatro meses,» disse. «Que esperança resta? E Sua Resplandecência encomendou mais dez mil...»

«Parece que os porcos não gostam de ser mudados,» interrompeu o velho apressadamente. Ele não gostava que se falasse de bambus.

«Eles apenas são mudados *provisoriamente*, sabe» disse o governador, «Na maior parte dos casos são imediatamente carregados de volta, então nem têm de se importar. E é tudo feito com o maior cuidado, sob supervisão pessoal do comandante-supremo.»

«Suponho que Sua Resplandecência só dê *uma* volta ao pátio?» disse Norman.

«Ah, não!» suspirou o guia. «Voltas e mais voltas. Voltas e mais voltas. Estas são as palavras de Sua Resplandecência. Mas ah, que desgraça! Aqui está o portão exterior, é aqui que nos separamos!» Soluçou enquanto lhes apertava as mãos e foi-se rapidamente embora.

«Bem que *podia* ter esperado para nos ver ir embora!» disse o velho homem, a lamentar-se.

«E não precisava de começar a assobiar *assim* que nos deixou!» disse o mais novo, muito sério.

«Mas olha lá, aqui estão dois não-sei-quês quase a sair!»

Infelizmente, o autocarro que os levaria até ao porto estava cheio. «Não faz mal!» disse Norman alegremente. «Caminharemos até que o próximo nos alcance.»

Foram-se arrastando em silêncio, ambos a pensar no problema do militar, até encontrarem um autocarro vindo do mar. O viajante mais velho puxou do seu relógio. «Apenas doze minutos e meio desde que começámos,» disse de forma distraída. De repente o seu olhar vago iluminou-se; teve uma ideia. «Meu rapaz!» gritou, levando a sua mão até ao ombro de Norman tão rapidamente que por um momento o seu centro de gravidade se deslocou da sua base de apoio.

Surpreendido, o jovem tropeçou descontroladamente para a frente parecendo pronto a lançar-se no espaço, mas rápida e graciosamente recuperou a pose. «Um problema de Precessão e Nutação,» observou, numa inflexão onde o respeito filial por pouco não conseguia esconder um tom de irritação. «O que é?» perguntou de imediato, receoso de que o seu pai pudesse ter ficado doente. «Quer um pouco de brandy?»

«Quando é que o próximo autocarro nos vai alcançar? Quando? Quando?» gritou o velho homem, o seu entusiasmo aumentando a cada momento.

Norman parecia sombrio. «Dê-me tempo,» disse. «Tenho de pensar.» E mais uma vez os viajantes caminharam em silêncio, um silêncio apenas interrompido pelos guinchos distantes dos porquinhos infelizes que ainda estavam a ser provisoriamente mudados de pocilga em pocilga, sob a supervisão pessoal do comandante-supremo.

NÓ IX

UMA SERPENTE COM CANTOS

«Água, água, em todo o lado,

Nem uma gota para beber.»

«Falta apenas mais um seixo.»

«Mas o que é que *estás* a fazer com esses baldes?»

Os interlocutores eram Hugh e Lambert. O lugar, a praia de Little Mendip. Hora, 13h30. Hugh estava a fazer um balde flutuar noutro maior e a tentar perceber quantos seixos aguentaria até afundar. Lambert estava deitado de costas sem fazer nada.

Durante um minuto ou dois, Hugh esteve silencioso, evidentemente embrenhado nos seus pensamentos. De repente, sobressaltou-se. «Olha, olha aqui, Lambert!» gritou.

«Se está vivo, é pegajoso e tem pernas não me interessa,» disse Lambert.

«O Balbus não disse hoje de manhã que, se um corpo está imerso em líquido, ele desloca a mesma quantidade de líquido que o seu volume?» disse Hugh.

«Ele disse qualquer coisa do género,» respondeu Lambert vagamente.

«Bem, olha para aqui rapidamente. Aqui está o pequeno balde quase completamente imerso; então a água deslocada devia ser quase a mesma que o seu volume. Agora olha!» Tirou o pequeno balde enquanto falava e deu o grande a Lambert. «Olha, mal chega a uma chávena! Queres dizer que aquela água ocupa o mesmo volume que o balde pequeno?»

«Claro que sim,» disse Lambert.

«Então, olha outra vez!» gritou Hugh, triunfante, enquanto despejava a água do balde grande para o balde pequeno. «Vê, nem chega a meio!»

«Problema *dele*», disse Lambert. «Se o Balbus diz que é o mesmo volume, então é o mesmo volume, não é?»

«Bem, não acredito nisso,» disse Hugh.

«Não precisas,» disse Lambert. «Além disso, é hora de jantar. Vamos.»

Encontraram Balbus a atrasar o jantar por causa deles e Hugh prontamente expôs o seu problema.

«Primeiro vamos tratar de vocês,» disse Balbus, articulação cortar um pedaço de carne assada. «Sabem o velho provérbio "Carneiro primeiro, mecânica depois?"»

Os rapazes *não* conheciam o provérbio, mas aceitaram-no de boa-fé, tal como faziam com toda e qualquer informação, não importa quão surpreendente, proveniente de uma autoridade tão infalível quanto era o seu tutor. Comeram em silêncio e quando o jantar tinha terminado, Hugh dispôs o seu habitual conjunto de canetas, tinta e papel, enquanto Balbus lhes repetia o problema que lhes tinha preparado como tarefa para a tarde.

«Um amigo meu tem um jardim de flores — muito bonito embora pequeno em tamanho...»

«Quão grande?» disse Hugh.

«Isso é o que *vocês* terão de descobrir!» respondeu Balbus alegremente. «Tudo o que vos posso dizer é que tem forma oblonga — apenas meia jarda de comprimento a mais do que a sua largura— e que tem um caminho de gravilha a percorrê-lo, com uma jarda de largura, a começar num canto.»

«Com o fim e o início interligados?» disse Hugh.

«*Não* interligados, caro jovem. Antes *disso*, vira uma esquina, e percorre o jardim outra vez, ao lado da primeira parte, e depois dentro dessa outra vez, enrolando para dentro, e cada volta a tocar a última, até ter utilizado toda a área.»

«Como uma serpente com cantos?» disse Lambert.

«Exatamente. E se percorrerem todo o seu comprimento, até à última polegada, mantendo-se no centro do caminho, terão percorrido exatamente duas milhas e 1/6 de milha. Agora, enquanto descobrem o comprimento e largura do jardim, vou ver se resolvo aquele enigma da água do mar.»

«Disse que era um jardim de flores?» questionou Hugh quando Balbus saia da sala.

«Disse, pois,» respondeu Balbus.

«Onde crescem as flores?» disse Hugh. Mas Balbus achou por bem não ouvir a pergunta. Deixou os rapazes com o seu problema e, no silêncio do seu quarto, dedicou-se a desvendar o paradoxo mecânico de Hugh.

«Para ancorar os nossos pensamentos,» murmurou para si mesmo, enquanto andava de um lado para o outro no quarto com as mãos nos bolsos, «pegamos num jarro de vidro cilíndrico, com uma medição em polegadas marcada de lado, enchemo-lo com água até à marca das 10 polegadas e assumimos que cada polegada de profundidade do jarro contém um pinto de água. Pegamos agora num cilindro sólido, de modo a que cada polegada sua seja igual em volume a *meio* pinto de água, e mergulhamos 4 polegadas dele na água, de maneira a que o fundo do cilindro chegue à marca das 6 polegadas. Bem, isso desloca 2 pintos de água. O que é feito delas? Bem, se não houvesse mais cilindro, a água iria confortavelmente para o topo e encheria o jarro até à marca das 12 polegadas. Mas infelizmente há mais cilindro, ocupando metade do espaço entre as marcas de 10 e 12 polegadas, de maneira que ali só há espaço para *um* pinto de água. O que é feito do outro pinto? Pois, se não houvesse mais cilindro, estaria no topo, enchendo o jarro até à marca das 13 polegadas. Mas infelizmente, — Espectro de Newton!» exclamou, num rasgo aterrorizado. «Quando é que a água para de subir?»

Ocorreu-lhe uma ideia brilhante. «Vou escrever um breve ensaio sobre isto,» disse.

O Ensaio de Balbus

«Quando um sólido é submerso num líquido, é bem sabido que desloca uma porção de líquido igual a si em volume, e que o nível do líquido sobe tanto quanto subiria se uma quantidade de líquido tivesse sido adicionada, igual ao volume do sólido. De acordo com Lardner, o mesmo processo ocorre quando um sólido é *parcialmente* submerso: a quantidade de líquido deslocada é neste caso equivalente à porção do sólido submersa, e o aumento do nível é proporcional.

Imaginemos um sólido mantido acima da superfície de um líquido e parcialmente submerso: uma parte do líquido é deslocada e o nível do líquido aumenta. Mas, pelo aumento do nível, mais um pouco do sólido é obviamente submerso, e assim temos uma nova deslocação da segunda porção do líquido e, consequentemente, um aumento do nível. Mais uma vez, este segundo aumento causa mais submersão que, por sua vez, causa outro deslocamento de líquido e outro aumento. É evidente que este processo deve continuar até que o sólido esteja completamente submerso e que o líquido comece então a submergir o que quer que esteja a suster o sólido, o qual, estando conectado a este, deve, por agora, ser considerado sua parte. Se segurarmos num pau, com seis pés de comprimento, com uma das pontas num recipiente de água, e esperarmos tempo suficiente, acabaremos submersos. A questão acerca da origem dessa água — que pertence a um ramo elevado da matemática e está, por isso, para além do nosso âmbito — não se aplica ao mar. Peguemos então no caso conhecido de um homem de pé à beira do mar, em maré baixa, com um sólido na sua mão parcialmente submerso: ele mantém-se firme e imóvel, e todos sabemos que acabará por se afogar As multidões que perecem diariamente desta maneira para comprovar uma verdade filosófica, e cujos corpos são sombriamente atirados pela onda irracional contra as nossas costas ingratas, têm um direito mais verdadeiro a serem chamados os mártires da ciência do que Galileu ou Kepler. Parafraseando a eloquência de Kossuth, eles são os semideuses anónimos do século XIX.»*[4]

«Há *algures* uma falácia,» murmurou sonolento, enquanto esticava as suas longas pernas sobre o sofá. «Tenho de pensar nisto outra vez.» Fechou os olhos para se concentrar melhor e durante mais ou menos uma hora, a sua respiração lenta e regular prestou testemunho da cuidadosa deliberação com que investigava essa nova e desconcertante visão do assunto.

(IMAGEM PAG. 65)

[4] Nota do escritor: Pelo ensaio acima, estou em dívida para com um querido amigo, já falecido.

NÓ X

BOLOS DE CHELSEA

«Sim, bolos e bolos e bolos!»

CANÇÃO ANTIGA.

«Tão, tão triste!» exclamou Clara; os olhos da delicada menina enchiam-se de lágrimas enquanto falava.

«Triste, mas bastante curioso se o analisares aritmeticamente,» foi a resposta menos romântica da tia. «Alguns deles perderam um braço ao serviço do seu país, outros uma perna, outros uma orelha ou um olho...»

«E alguns, talvez, *tudo*!» murmurou Clara sonhadoramente, enquanto passavam pelas longas filas de heróis fustigados pelo tempo a aquecerem-se ao sol. «Reparou naquele muito velho, com uma cara vermelha, que estava a desenhar um mapa na terra com a sua perna de madeira e todos os outros olhavam? Eu acho que era um plano de batalha...»

«A batalha de Trafalgar, certamente,» interrompeu a tia rapidamente.

«Acho que dificilmente seria isso,» aventurou-se Clara a dizer. «É que, sabe, nesse caso ele não poderia estar vivo...»

«Não poderia estar vivo!» repetiu a velha senhora desdenhosamente. «Ele tem tanta vida quanto eu e tu juntas! Vá, se desenhar um mapa na terra — com uma perna de pau — não prova que está vivo, talvez possas dizer o que *o* provará!»

Clara não viu maneira de sair daquilo. A lógica nunca tinha sido o seu forte.

«Voltando à aritmética,» continuou Mathesis Maluca — a velha senhora excêntrica nunca deixava passar uma oportunidade de levar a sua sobrinha a calcular algo — «que percentagem pensas que possam ter perdido todos os quatro — uma perna, um braço, um olho e uma orelha?»

«Como poderei saber?» sobressaltou-se aterrorizada a rapariga. Ela bem sabia o que estava a vir por aí.

«Não podes, claro, sem os dados,» respondeu a tia: «mas dar-te-ei...»

«Dê-lhe um bolo de Chelsea, menina! É deles que a maioria das jovens senhoras gostam!» A voz era rica e musical e o orador sacudiu habilmente o pano branco como neve que cobria o seu cesto, revelando uma variedade tentadora dos conhecidos bolos quadrados, juntos em filas, ricamente pincelados com ovo e dourados, brilhando ao sol.

«Não, senhor! Não lhe darei nada tão indigesto! Desapareça!» A velha senhora abanou o seu chapéu de sol ameaçadoramente; mas nada parecia perturbar o bom humor do alegre velho que continuava na sua marcha, cantando o seu refrão melodioso:

(IMAGEM DAS PAUTAS MUSICAIS PAG. 68)

«Demasiado indigesto, meu amor!» disse a velha senhora. «Dar-te-ás muito melhor com as percentagens!»

Clara suspirou, vendo com olhos de fome a cesta a afastar-se na distância, mas ouvia obedientemente a implacável velha senhora, que imediatamente começou a contar os dados com os dedos.

«Digamos que 70% perderam um olho, 75% uma orelha, 80% um braço, 85% uma perna, isso dá maravilhosamente. Agora, minha querida, que percentagem, *pelo menos*, devem ter perdido todos os quatro?»

Não se deu mais conversa — a não ser que contemos com uma exclamação abafada de "Quentinhos!" que escapou dos lábios de Clara quando o cesto desapareceu de vista ao virar de uma esquina — até terem chegado à velha mansão de Chelsea, onde o pai de Clara estava alojado com os três filhos e o seu velho tutor.

Balbus, Lambert e Hugh tinham entrado em casa uns minutos antes delas. Tinham estado fora a caminhar e Hugh estava a propor um problema que tinha reduzido Lambert às profundezas da melancolia e que até tinha desconcertado Balbus.

«Muda de quarta-feira para quinta-feira à meia-noite, não é?» havia começado Hugh.

«Às vezes,» disse Balbus, cautelosamente.

«Sempre,» disse Lambert num tom decidido.

«*Às vezes,*» insistiu gentilmente Balbus. «Seis meias-noites em cada sete, muda para outro nome.»

«Isto é, claro,» retificou Hugh, «*quando muda* de quarta-feira para quinta-feira, fá-lo à meia-noite — e *apenas* à meia-noite.»

«Certamente,» disse Balbus. Lambert estava silencioso.

«Bem, agora, suponhamos que é meia-noite aqui em Chelsea. Então é quarta-feira a *Oeste* de Chelsea (digamos na Irlanda ou na América) onde a meia-noite ainda não chegou; e é quinta-feira a *Este* de Chelsea (digamos na Alemanha ou na Rússia) onde a meia-noite já passou?»

«Certamente,» repetiu Balbus. Até Lambert acenou desta vez.

«Mas em mais nenhum outro lugar é meia-noite; por isso não pode estar a mudar de um dia para o outro em mais nenhum lado. Ainda assim, se na Irlanda e na América e assim lhe chamam quarta-feira, e na Alemanha e Rússia e assim lhe chamam quinta-feira, deve haver um lugar — que não seja Chelsea — que tem dias diferentes em ambos os lados. E o pior disto é que as pessoas de *lá* apanham os dias na ordem errada: têm a quarta-feira no lado *Este* deles e a quinta-feira no *Oeste* — como se o dia delas tivesse mudado de quinta-feira para quarta-feira!»

«Já ouvi esse enigma antes!» gritou Lambert. «E explico-te. Quando um navio dá a volta ao mundo indo de Este para Oeste, sabemos que perde um dia na sua conta; então, quando chega a casa, diz que é quarta-feira, mas descobre que as pessoas dizem ser quinta-feira, porque tivemos mais uma meia-noite do que o navio. E quando vais no sentido inverso ganhas um dia.»

«Eu sei isso tudo,» disse Hugh, em resposta a esta não tão lúcida explicação, «mas não me ajuda porque o navio não tem dias próprios. Num sentido, tens mais de vinte e quatro horas num dia, e no outro tens menos; por isso, claro que os nomes estão errados; mas as pessoas que vivem num lugar têm sempre dias de vinte e quatro horas.»

«Acredito que tal lugar *exista,*» disse Balbus, pensativamente, «no entanto, nunca ouvi falar dele. E as pessoas devem achar muito estranho, como diz o Hugh, ter o velho dia a *Este* e o novo a *Oeste*; porque, quando chega a meia-noite, com o novo dia pela frente e o antigo atrás, não se percebe exatamente o que acontece. Tenho que pensar sobre isso.»

Entraram então na casa no estado que descrevi — Balbus intrigado e Lambert enterrado num pensamento sombrio.

«Sim, senhora, o senhor *está* em casa, senhora» disse o majestoso velho mordomo. (apenas um mordomo experiente conseguiria a proeza de pronunciar tantos ésses sem se engasgar.) «E *to'os* do grupo esperam ambas na *bilioteca*.»

«Não gosto que ele lhes chame *tolos*» murmurou Mathesis Maluca para a sobrinha enquanto atravessavam a entrada. Clara apenas teve tempo de sussurrar «ele quis dizer *todos*» antes de serem conduzidas à biblioteca, onde a visão dos cinco rostos solenes ali reunidos a remeteu ao silêncio.

O pai dela estava sentado à cabeceira da mesa e fez sinal às senhoras para se sentarem nos dois lugares vagos, um de cada lado dele. Os seus três filhos e Balbus compunham o resto do grupo. Materiais de escrita estavam dispostos ao longo da mesa como num banquete fantasma; o mordomo tinha evidentemente dedicado muita atenção ao arranjo sombrio. Folhas de papel in-quarto, cada uma ladeada por uma caneta de um lado e um lápis do outro, representavam os pratos, os panos de limpar as canetas faziam o lugar dos pãezinhos, enquanto os boiões de tinta ocupavam os lugares habitualmente destinados aos copos de vinho. A *pièce de resistance* era uma grande saca de baeta verde da qual saia um tinido encantador como se se tratasse de inúmeros guinéus de ouro, enquanto o velho homem a levantava inquieto de um lado para o outro.

«Irmã, filha, filhos — e Balbus —,» começou o velho homem, tão nervosamente que Balbus interveio num tom gentil «Escutem, escutem!» enquanto Hugh percutia a mesa com os punhos. Isto desconcertou o orador sem prática. «Irmã...» recomeçou, depois parou por um momento, moveu a saca para o outro lado e disse de uma vez, «Isto é... esta coisa... sendo uma ocasião critica... mais ou menos... sendo o ano em que um dos meus filhos se torna maior de idade...» parou outra vez com alguma confusão, tendo evidentemente chegado a meio do seu discurso mais cedo do que o planeado, mas era tarde de mais para voltar atrás. «Escutem, escutem!» gritou Balbus. «Isso, isso,» disse o velho cavalheiro, recuperando um pouco a sua postura: «quando primeiro comecei este costume anual — o meu amigo Balbus corrija-me se estiver enganado...» (Hugh murmurou «com um cinto!» mas ninguém o ouviu exceto Lambert, que se limitou a franzir a testa e a abanar a cabeça) — este costume anual de dar a cada um dos meus filhos tantos guinéus quanto aqueles que representam a sua idade... foi um momento crítico... assim me informou Balbus... sendo a soma das idades de dois de vocês igual à idade do terceiro... assim nessa ocasião fiz um discurso...» Ele fez uma pausa tão longa que Balbus pensou ser sensato vir em seu auxílio com as palavras «Foi o mais—» mas o velho homem deteve-o com um olhar de aviso: «sim, fiz um discurso», repetiu. «Uns anos depois disso, Balbus observou — digo que observou —» («Escutem, escutem!» gritou Balbus. «Isso, isso», disse o velho homem agradecido.) «— que era *outra* ocasião critica. As idades de dois de vocês juntas eram o *dobro* da do terceiro. Então fiz outro discurso... outro discurso. E agora estamos outra vez perante uma ocasião crítica — assim diz Balbus — e eu estou...» (Nesse momento Mathesis Maluca olhou ostensivamente para o seu relógio) «com toda a pressa que posso!» gritou o velho homem com uma presença de espírito maravilhosa. «Estou quase a chegar ao cerne da questão, irmã! O número de anos que passaram desde a primeira ocasião é apenas dois terços do número de guinéus que então vos dei. Agora, meus rapazes, calculem as vossas idades a partir desses *dados* e terão o dinheiro!»

«Mas nós sabemos a nossa idade!» gritou Hugh.

«Silêncio, senhor!» vociferou o velho homem, ascendendo à sua altura total (ele tinha exatamente um metro e sessenta e cinco) em indignação. «Volto a dizer que devem usar os *dados* apenas! Nem sequer devem supor *quem é* que se torna maior de idade!» Agarrou a saca enquanto falava e com passos vacilantes (era tudo o que conseguia enquanto a carregava) saiu da sala.

«E *tu* terás um *cadeau* parecido,» murmurou a velha senhora para a sobrinha, «assim que tiveres calculado a percentagem!» E assim seguiu o seu irmão.

Nada poderia superar a solenidade com que o velho casal se levantou da mesa, e ainda assim foi — foi com um *sorriso* que o pai se afastou de seus filhos infelizes? Poderia ter sido — teria sido com uma *piscadela de olhos* que a tia abandonou a sobrinha desesperada? E eram aqueles — seriam aqueles sons de *risadinhas* reprimidas que pairavam pela sala mesmo antes de Balbus (que os tinha seguido para fora da sala) fechar a porta? Certamente que não; e ainda assim o mordomo disse ao cozinheiro — mas não, era apenas cusquice frívola, que não repetirei.

As sombras da noite concederam o seu desejo não expressado e «não se abateram sobre»[5] eles (pois o mordomo trouxe uma lamparina); as mesmas sombras condescendentes deixaram-lhes um «latido solitário»[5] (o lamento de um cão, no pátio das traseiras, a uivar para a lua) por «um tempo»; mas nenhum «ai, é manhã»[5], (nem nenhum outro momento) parecia ser capaz de lhes «devolver»[5] essa paz de espírito que outrora lhes pertencera antes daqueles problemas se lançarem sobre eles, esmagando-os com uma carga de mistério insondável!

[5] Haynes Bayly, Thomas: "Isle of Beauty, Fare-Thee-Well", canção popular.

«Não é justo,» resmungou Hugh, «darem-nos uma trapalhada destas para resolver!»

«Justo?» repetiu Clara amargamente. «Meu deus!»

E para todos os meus leitores apenas posso repetir a última palavra da amável Clara —

A-deus!

APÊNDICE

«Um nó!» disse Alice. «Oh, deixa-me ajudar-te a desfazê-lo!»

RESPOSTAS AO NÓ I

Problema. — «Dois viajantes estiveram desde as 3 horas até às 9 a percorrer um caminho plano, a subir uma colina e a voltar a casa: o ritmo a caminhar no nível plano foi de 4 milhas por hora, a subir a colina 3 e a descer 6. Descubra a distância percorrida e também a hora a que chegaram ao topo da colina (com uma margem de meia hora).»

Resposta. — «24 milhas; 6 e meia.»

Solução. — Uma milha em terreno plano demora $\frac{1}{4}$ de hora, subir a colina $\frac{1}{3}$, descer a colina $\frac{1}{6}$. Assim, para ir e voltar na mesma milha, seja no nível plano ou na colina, demora $\frac{1}{2}$ hora. Logo, em 6 horas eles percorreram 12 milhas a ir e 12 a voltar. Se as 12 milhas da ida fossem maioritariamente em terreno plano, teriam demorado pouco mais de 3 horas; se maioritariamente na colina, seria pouco menos de 4 horas. Daí, para chegarem ao topo demorariam 3 $\frac{1}{2}$ horas dentro da margem de $\frac{1}{2}$ hora; assim, como começaram às 3, chegaram lá às 6 $\frac{1}{2}$ com uma margem de $\frac{1}{2}$ hora.

Chegaram vinte e sete respostas. Destas, 9 estavam corretas, 16 parcialmente corretas e 2 erradas. 16 deram a distância correta, mas não compreenderam que eles poderiam ter chegado ao topo a *qualquer* momento entre as 6 e as 7 horas.

As duas respostas erradas são de GERTY VERNON e UM NIILISTA. A primeira deu uma distância de «23 milhas», enquanto o seu companheiro revolucionário respondeu «27.» GERTY VERNON diz «eles tiveram de ir a 4 milhas por hora em terreno plano e chegaram ao sopé da colina às 4 horas.» Concedo que *poderá* ser verdade; mas não existem motivos para dizer que *o fizeram*. «Eram $7\frac{1}{2}$ milhas até ao topo da colina e alcançaram-no às 7 menos $\frac{1}{4}$.» Aqui estará errada na sua aritmética e eu devo, embora relutantemente, dizer-lhe adeus. $7\frac{1}{2}$ milhas, a 3 milhas por hora, *não* requer $2\frac{3}{4}$ horas. UM NIILISTA diz «Seja *x* o número total de milhas; *y* o número de horas até ao topo da colina; ∴ $3y$ = número de milhas a subir e $x - 3y$ = número no outro lado.» Você deixa-me desnorteado. O outro lado de *quê*? «Da colina», responde. Mas então, como é que eles voltaram a casa? No entanto, para acomodar a sua perspetiva vamos construir um novo alojamento no sopé da colina no lado oposto e presumir (concedendo-lhe que é *possível*, porém não *necessariamente* verdadeiro) que não existe qualquer pedaço de caminho plano. Mesmo assim estará errado.

Você diz

$$y = 6 - \frac{x - 3y}{6} \ldots .(i);$$

$$\frac{x}{4\frac{1}{2}} = 6 \ldots\ldots\ldots\ldots..(ii).$$

Concedo-lhe (i) mas nego (ii): baseia-se na suposição de que ir *parte* do tempo a 3 milhas por hora e o resto a 6 milhas por hora leva ao mesmo resultado que ir o tempo todo a $4\ \frac{1}{2}$ milhas por hora. Mas isto apenas seria verdade se «*parte*» fosse exatamente *metade*, i.e., se eles subissem a colina durante 3 horas e a descessem outras 3, o que certamente *não* aconteceu.

Os dezasseis, que estão parcialmente corretos, são AGNES BAILEY, F. K., FIFEE, G.E.B., H. P., KIT, M. E. T., MYSIE, UM FILHO DE UMA MÃE, NAIRAM, UM REDRUTHIANO, UM SOCIALISTA, DONZELA DE LANÇA, T. B. C., VIS INERTIAE e IAQUE. Destes, F. K., FIFEE, T. B. C. e VIS INERTIAE não tentaram, de todo, resolver a segunda parte. F. K. e H. P. não mostraram qualquer fundamentação. Os restantes fazem as suas próprias suposições, como por exemplo, não haver caminho plano — ou que havia 6 milhas de caminho plano — e por aí fora, tudo levando a que fossem designados tempos *específicos* para chegar ao topo da colina. A suposição mais curiosa foi a de AGNES BAILEY, que diz «Seja x = número de horas que demoram a subir; $\frac{x}{2}$ = horas que demoram a descer; e $\frac{4x}{3}$ = horas que demoram no terreno plano.» Suponho que estivesse a pensar em *ritmos* relativos, tanto a subir a colina como no terreno plano; que podemos exprimir dizendo que, se eles foram *x* milhas por hora a subir a colina num tempo específico, eles teriam feito $\frac{4x}{3}$ milhas no terreno plano *no mesmo tempo*. Você pressupôs, de facto, que eles demoraram *o mesmo tempo* no terreno plano e na subida. FIFEE supõe que quando o cavaleiro mais velho diz que percorreram «4 milhas por hora» no terreno plano, ele queria dizer que quatro milhas era a *distância* percorrida, não apenas o ritmo. Isso teria sido, se a FIFFE me perdoar o calão, uma «abébia» pouco digna do herói.

E agora «ao palco os meus caros Nove clássicos!» que resolveram todo o problema; permitam-me que cante os vossos louvores. Os vossos nomes são: F.P., JOVIAL, L. B., UM RAPAZ DE MARLBOROUGH, O. V. L., PUTNEY WALKER, ROSE, BRISA DO MAR, A SIMPLES SUSANA e ROLETA DE DINHEIRO (estes dois últimos, conto como um, pois enviaram uma resposta conjunta). ROSE e A SIMPLES SUSANA e Cia. Não chegam a afirmar que o topo da colina foi alcançado entre as 6 e as 7, mas, como compreenderam claramente o facto de uma milha, subindo e descendo, levar o mesmo tempo que duas milhas em terreno plano, considero-as «corretas». UM RAPAZ DE MARLBOROUGH e PUTNEY WALKER merecem menção honrosa pelas suas soluções algébricas, sendo os únicos que perceberam que o problema leva a uma *equação indeterminada*. F. P. acusa o velho cavaleiro de falsidade — uma acusação séria, pois ele era o pináculo do cavalheirismo! Ela diz «De acordo com os dados fornecidos, o tempo no cume não fornece qualquer pista para a distância total. Não nos permite afirmar com a precisão de uma polegada a quantidade de caminho plano e a subir.» «Bela donzela,» responde o cavaleiro mais velho, «— se, como imagino, as tuas iniciais denotam Feminilidade Precoce — relembro que a palavra “permite” é tua e não minha. Apenas pedi a hora em que chegaram ao cume como *condição* para continuar a parlamentar. Se *agora* tu não me reconheceres como um homem amante da verdade, então afirmarei que essas mesmas iniciais significam «Feridade Perversa!»

QUADRO DE HONRA

I.

PUTNEY WALKER	UM RAPAZ DE MARLBOROUGH

II.

A SIMPLES SUSANA ROLETA DE DINHEIRO	L. B.
BRISA DO MAR	O. V. L.
F. P.	ROSE
JOVIAL	

JOVIAL fez um acrescento tão engenhoso ao problema e A SIMPLES SUSANA e Cia. resolveram-no em tão melodioso verso, que registo ambas as respostas na íntegra. Alterei uma ou duas palavras na da JOVIAL — espero que me perdoe; pois como estava não parecia muito claro.

«Espere lá,» disse o jovem, enquanto um rasgo de inspiração iluminava os músculos relaxados das suas feições quiescentes. «Espere. Acredito que pouco importa *quando* alcançámos o cume, a coroa da nossa labuta. Pois no espaço de tempo em que subimos uma milha e descemos outra na volta, poder-nos-íamos ter *arrastado* por duas pelo caminho plano. Andámos, então, vinte e quatro milhas nestas seis horas extenuantes; pois, em momento algum parámos para recuperar o fôlego ou admirar a paisagem!»

«Muito bem,» disse o velho homem. «Doze milhas para lá e doze milhas para cá. E alcançámos o topo algures entre as 6 e as 7 horas. Agora repara! Por cada cinco minutos passados desde as seis horas quando parámos no pico acolá, tantas outras milhas teríamos subido a custo no lado enfadonho da montanha!»

O jovem soltou um lamento e apressou-se para a pousada.

JOVIAL.

O velho e o jovem cavaleiro,

Investiram adiante às três;

Quão longe foram em terreno plano,

Para mim é mesquinhez;

A que horas alcançaram o sopé da montanha,

Quando começaram a escalar,

São problemas a cuja validez

Muito pouca importância vou dar.

O momento em que cada um acenou seu chapéu
No pico mais elevado —
Para tal questão trivial
A resposta vou deixar de lado.
Porém a distância sei bem
Que mais além devem ter viajado:
Na colina e planície, entre três e nove,
Vinte e quatro milhas, foi o caminhado.

Quatro milhas por hora em passo regular
Ao longo do caminho plano,
Três a escalar — mas seis para voltar
Descendo rapidamente,
Mas perícia não foi preciso mostrar
Para cima e para baixo conjuntamente,
Quatro milhas à hora a caminhar

Pois por tanto ou tampouco tempo
Que na montanha permaneceram,
Dois terços foram a subir,
Um terço a descer fizeram.
Dois terços a três, um terço a seis,
Se os cálculos forem favoráveis,
Fará um inteiro a quatro
Desemaranhado o conto está — é um facto.

A SIMPLES SUSANA.

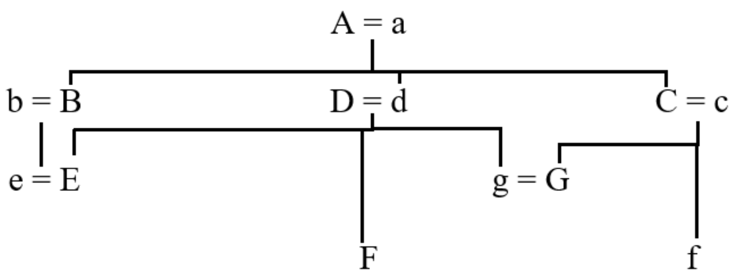
ROLETA DE DINHEIRO.

RESPOSTAS AO NÓ II.

1. O JANTAR-CONVÍVIO.

Problema. — «O governador de Kgovjni quer dar um pequeno jantar-convívio e convida o pai do seu cunhado, o sogro do seu irmão, o irmão do seu sogro e o cunhado do seu pai. Encontre o número de convidados.»

Resposta. — «Um.»



Nesta árvore genealógica os homens estão representados por maiúsculas e as mulheres por minúsculas. O governador é o E e o seu convidado o C.

Foram recebidas dez respostas. Destas, uma está errada, GALANTHUS NIVALIS MAJOR, que insiste em convidar *duas* pessoas, uma sendo o *pai do irmão da esposa* do governador. Se tivesse escolhido o *pai do marido da irmã*, teria sido possível reduzir o número de convidados para *um*.

Dos nove que enviaram respostas corretas, a BRISA DO MAR é o sopro mais leve que alguma vez ostentou o nome! Ela apenas afirma que o tio do governador poderá cumprir todas as condições «por endogamia!» «Vento do mar ocidental,» você escapou por pouco! Esteja agradecida por aparecer sequer no quadro de honra! CARVALHO DO PÂNTANO e ITINERÁRIO DO FUTURO usam genealogias que requerem 16 pessoas em vez de 14, ao convidarem o *marido da irmã do pai* do governador em vez do *irmão da mulher do pai*. Não penso que esta solução deva ser preferida a uma que apenas requer 14. CAIUS e VALENTINE merecem uma menção especial por serem os únicos a fornecerem genealogias.

QUADRO DE HONRA

I

ABELHA
CAIUS

GATA VELHA
M. M.

MATTHEW MÁTICAS
VALENTINE

II

CARVALHO DO PÂNTANO

ITINERÁRIO DO FUTURO

III

BRISA DO MAR

2. OS ALOJAMENTOS

Problema. — «Uma praça quadrada tem 20 portas de cada lado, que contém 21 partes iguais. Estas estão numeradas consecutivamente, começando num canto. Desde qual das quatro casas com os números 9, 25, 52, 73 é menor a soma das distâncias das outras três?»

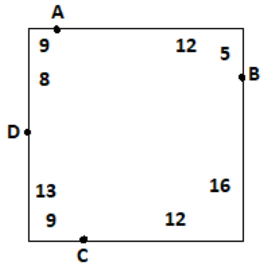
Resposta. — «Desde a nº 9.»

Suponhamos que A é a nº 9, B a nº 25, C nº 52 e D nº 73.

Então,

$AB = \sqrt{(12^2 + 5^2)} = \sqrt{169} = 13;$

AC = 21;



AD = $\sqrt{(9^2 + 8^2)} = \sqrt{145} = 12+;$

(N.B. i.e. «entre 12 e 13)

BC = $\sqrt{(16^2 + 12^2)} = \sqrt{400} = 20;$

BD = $\sqrt{(3^2 + 21^2)} = \sqrt{450} = 21+;$

CD = $\sqrt{(9^2 + 13^2)} = \sqrt{250} = 15+;$

Assim, a soma das distâncias a partir de A é entre 46 e 47; de B, entre 54 e 55; de C, entre 56 e 57; de D, entre 48 e 51. (Por que não «entre 48 e 49?» Descubram por vocês próprios). Logo, a soma é menor para A.

Recebemos vinte e cinco soluções. Destas, 15 têm nota «0», 5 estão parcialmente corretas e 5 estão corretas. Das 15, posso dispensar: CARVALHO DO PÂNTANO, DINAH MITE, FANTASMA ALFABÉTICO, FIFEE, GALANTHUS NIVALIS MAJOR (receio que a primavera fria tenha arruinado a nossa flor), FULANO, H. M. S. PINAFORE, JANET e VALENTINE com o simples reparo de que insistiram no facto de os inquilinos infelizes se *manterem no passeio* (utilizei as palavras «atravessaram até ao número setenta e três» com o propósito de mostrar que *atalhos* eram uma possibilidade). BRISA DO MAR faz o mesmo e acrescenta que «o resultado seria igual» mesmo atravessando a Praça, mas não o demonstra. M. M. desenha um diagrama e diz que o nº 9 é a casa, «tal como mostra o diagrama». Não consigo perceber *como*. A GATA VELHA supõe que a casa deve ser a nº 9 ou nº 73. Não explica como calculou as distâncias. A aritmética da ABELHA é defeituosa; ela faz $\sqrt{169} + \sqrt{442} + \sqrt{130} = 741$ (suponho que queria dizer $\sqrt{741}$, o que estaria um pouco mais próximo da verdade. Mas raízes quadradas não podem ser somadas assim. Pensa que $\sqrt{9} + \sqrt{16}$ é 25 ou até $\sqrt{25}$?). Mas a afirmação de AYR é mais condenável: ela retira conclusões ilógicas com uma calma assustadora. Depois de notar (corretamente) que AC é menos que BD, diz «por isso a casa mais próxima das outras três deve ser A ou C». E mais uma vez, após notar (corretamente) que B e D ficam ambas na metade da praça onde está a A, ela diz «por isso» AB+AD deve ser menos do que BC+CD. Não existe força lógica em nenhum «por isso». No primeiro, peguemos nos números 1, 21, 60, 70; isto tornará a sua premissa verdadeira e a sua conclusão falsa. Do mesmo modo para o segundo, pegando nos números 1, 30, 51, 71.

Das cinco soluções parcialmente corretas, TRAPOS E FARRAPOS e CHAPELEIRO LOUCO (que enviaram uma resposta conjunta) colocam a nº 25 a 6 unidades do canto em vez de 5. CHEAM, E. R. D. L. e MEGGY POTTS deixam aberturas nos cantos da praça, o que não está nos dados; mais ainda, CHEAM dá valores para as distâncias sem dar qualquer pista de que são apenas *aproximações*. CROPHI E MOPHI presumem de forma ousada e infundada que havia 21 casas em cada lado, em vez de 20, tal como afirmou Balbus. «Podemos supor», acrescentam, «que as portas dos números 21, 42, 63, 84 são invisíveis a partir do centro da praça»! Haverá algo, pergunto-me, que CROPHI E MOPHI não *presumam*?

Dos cinco que estão totalmente corretos, penso que ITINERÁRIO DO FUTURO, CAIUS, CLIFTON C., e MARTREB merecem um louvor especial pelas suas soluções analíticas completas. MATTHEW MÁTICAS escolhe a nº 9 e prova ser a casa correta de duas maneiras, muito simples e engenhosamente, mas o *porquê* de a escolher não aparece. É uma excelente prova sintética, mas falta-lhe a análise que os outros quatro forneceram.

QUADRO DE HONRA

I

CAIUS	ITINERÁRIO DO FUTURO
CLIFTON C.	MARTREB

II

MATTHEW MATICAS

III

CHAPELEIRO LOUCO	E. R. D. L.
CHEAM	MEGGY POTTS
CROPHI E MOPHI	TRAPOS E FARRAPOS

Chegou-me um protesto do ESCRUTINADOR sobre o NÓ I, que afirma «não ser, de todo, um problema». «São feitas», diz, «duas perguntas. Para resolver uma não existe dados; a outra responde-se a si mesma». Quanto ao primeiro ponto, ESCRUTINADOR está errado; *existem* (não «existe») dados suficientes para responder ao problema. Quanto ao outro, é interessante saber que o problema se «responde a si mesmo», e estou certo de que isso é um grande mérito do problema; mesmo assim receio que não o possa colocar na lista de vencedores, pois esta competição é apenas para seres humanos.

RESPOSTAS AO NÓ III.

Problema. — (1) «Duas viajantes, começando ao mesmo tempo, foram em direções opostas num caminho de ferro circular. Os comboios partem a cada 15 minutos, os do Este dão a volta em 3 horas e os do Oeste em 2. Com quantos comboios se cruzou cada uma no caminho, sem contar com os que já se encontravam no terminal?» (2) «As viajantes deram a volta novamente, cada uma contando "primeiro" a partir do comboio onde ia a outra viajante. Com quantos se cruzaram?»

Respostas. — (1) 19. (2) A viajante do Este cruzou-se com 12; a outra com 8.

Os comboios demoraram 180 minutos num sentido e 120 no outro. Tomemos o mínimo múltiplo comum (MMC), 360, e dividimos o caminho de ferro em 360 unidades. Uma composição ferroviária foi à velocidade de 2 unidades por minuto e a intervalos de 30 unidades; a outra foi à velocidade de 3 unidades por minuto e a intervalos de 45 unidades. Um comboio do Este, quando arranca, tem 45 unidades entre ele e o primeiro comboio com que se cruza: percorrerá 2/5 da distância enquanto o outro faz 3/5; deste modo cruzar-se-á com ele ao fim de 18 unidades, e assim continuará ao longo da viagem. Um comboio do Oeste, ao arrancar, tem 30 unidades entre ele e o primeiro comboio com que se cruza: percorre 3/5 da distância enquanto o outro percorre 2/5, cruzando-se assim ao fim de 18 unidades, continuando assim ao longo da viagem. Portanto, se o caminho de ferro for dividido por 19 postos, em 20 partes, cada uma contendo 18 unidades, os comboios cruzam-se a cada posto e, em (1), cada viajante passa 19 postos a dar a volta, cruzando-se com 19 comboios. Mas, na (2), a viajante do Este apenas começa a contar após completar 2/5 da viagem, isto é, ao alcançar o oitavo posto e por isso conta 12 postos; da mesma forma a outra conta 8. Elas encontram-se ao fim de 2/5 de 3 horas, ou 3/5 de 2 horas, isto é, 72 minutos.

Foram recebidas quarenta e cinco respostas. Destas, 12 estão para além do âmbito da discussão pois não apresentam qualquer fundamentação. Apenas posso enumerar os seus nomes. A RAINHA VERMELHA, ARDMORE, POUCA TERRA-POUCA TERRA, E. A., F. A. D., L. D., MATTHEW MATICAS E M. E. T. estão todos errados. BETA e ROWENA acertaram a (1) e erraram a (2). O BOB ATREVIDO e

NAIRAM deram respostas corretas, mas quiçá isto moderaria o atrevimento de um e induziria o outro a ter uma visão menos invertida das coisas se fossem informados de que, se esta competição tivesse um prémio, eles não teriam nenhum ponto. [Nota — Não me aventurei a escrever por extenso o nome da E. A., uma vez que ela apenas o deu provisionalmente, caso a sua resposta estivesse correta].

Das 33 respostas que mostraram o raciocínio, 10 estão erradas; 11 meio erradas e meio corretas; 3 corretas, exceto que acalentaram o delírio de que foi a *Clara* a viajar no comboio do Este — um elemento que os dados não nos permitem estabelecer; e 9 totalmente corretas.

Os 10 que erraram as respostas são: BO-PEEP, FINANCEIRO, I. W. T., KATE B., M. A. H., Q. Y. Z., GAIVOTA, DENTE-DE-LEÃO, TOM QUAD e um que não assinou. A BO-PEEP diz acertadamente que a viajante do Este se cruzou com todos os comboios que partiram durante as 3 horas da sua viagem, bem como com todos os que partiram nas 2 horas anteriores, isto é, todos os que partiram nos começos de 20 períodos de 15 minutos cada; e ela está correta em não contar aquele com que se cruzou na partida; mas errada em não contar o *último* comboio, pois ela não se cruzou com ele no terminal mas 15 minutos antes de lá chegar. Ela faz o mesmo erro na (2). O FINANCEIRO pensa que não se deve contar qualquer comboio que se cruze pela segunda vez. I. W. T. pensa, através de um raciocínio não demonstrado, que as viajantes se cruzaram ao fim de 71 minutos e $26\frac{1}{2}$ segundos. KATE B. pensa que os comboios com que se cruza na partida e na chegada *nunca* se devem contar, mesmo cruzando-se em qualquer outra parte. Q. Y. Z. tenta uma solução algébrica um tanto complexa e é bem-sucedido em encontrar o tempo em que se cruzam corretamente; tudo o resto está errado. A GAIVOTA parece acreditar que em (1), o comboio do Este *permaneceu parado* por 3 horas; e diz que na (2) as viajantes se cruzaram ao fim de 71 minutos e 40 segundos. A DENTE-DE-LEÃO confessa nobremente não ter tentado qualquer cálculo, tendo simplesmente desenhado o caminho-de-ferro e contado os comboios; na (1), contou errado; na (2) fá-las cruzarem-se aos 75 minutos. O TOM-QUAD omite a (1); na (2) faz Clara contar o comboio com que se cruza na chegada. O que não assinou é também incompreensível; ele afirma que as viajantes vão «1/24 para lá da distância a percorrer!» A teoria da «Clara», já aqui referida, é adotada por 5 destes; são eles a BO-PEEP, o FINANCEIRO, a KATE B., o TOM-QUAD e o autor anónimo.

As 11 respostas meio corretas são da BRIDGET, do CARVALHO DO PÂNTANO, do CASTOR, do FULANO, do GATO DE CHESHIRE, do G. E. B., da MARY, do M. A. H., do R. W., da VELHA DAMA e do VENDREDI. Todos eles adotaram a teoria da «Clara». O CASTOR omite a (1). O VENDREDI acertou a (1) mas na (2) comete o mesmo erro da BO-PEEP. Reparei que na vossa solução há uma proporcionalidade direta maravilhosa: «300 milhas está para duas horas assim como uma milha está para 24 segundos.» Permitam-me que vos aconselhe a adquirir, o mais breve possível, a mais pura descrença na possibilidade de existir uma razão entre *milhas* e *horas*? Não fiquem desencorajados pelos comentários sarcásticos dos vossos dois amigos sobre os vossos «métodos enviesados». O seu método encurtado de adicionar 12 e 8 traz a ligeira desvantagem de produzir uma resposta errada; até um método «enviesado» é melhor do que *isso*! M. A. H., na (2), faz as viajantes contarem «primeiro» após se cruzarem, não *quando* se cruzam. O GATO DE CHESHIRE e a VELHA DAMA responderam «20» à (1) por se terem esquecido de excluir o comboio com que se cruzam na chegada. Todos os outros responderam «18» de várias maneiras. O CARVALHO DO PÂNTANO, o FULANO e o R. W. dividiram os comboios que a viajante do Oeste se cruza em 2 grupos: aqueles que já estão na linha, que perfazem (corretamente) «11», e aqueles que partem durante a viagem de 2 horas (excluindo o comboio com que se cruzam na chegada), que (erradamente) responderam «7»; e fizeram um erro parecido com o comboio do Este. A BRIDGET (acertadamente) diz que a viajante do Oeste se cruzou com um comboio a cada 6 minutos durante 2 horas, mas (erradamente) responde «20»; deveria ser «21». O G. E. B. adota o método da BO-PEEP, mas (erradamente) não conta (para a viajante do Este) o comboio que parte no começo das 2 horas anteriores. A MARY pensa que não se deve contar o comboio com que se cruza na chegada mesmo quando já se cruzaram *anteriormente*.

Os 3, que estão totalmente corretos exceto pela infeliz teoria da «Clara», são o F. LEE, o G. S. C. e o X. A. B.

E agora, «ao palco os meus caros Dez clássicos!» que resolveram o problema na sua totalidade. Os vossos nomes são: À ESPERA DO COMBOIO, AIX-LES-BAINS, ARVON, FIFEE, H. L. R., ITINERÁRIO DO FUTURO, J. L. O., OMEGA, S. S. G. e ALGERNON[6] BRAY (obrigado pelo reparo amigo, que vem com um calor que nem mesmo o Atlântico conseguiria arrefecer). Muitos de vocês colocaram a Clara,

[6] Algernon era um nome masculino nos EUA.

provisionalmente, no comboio do Este; mas parecem ter entendido que os dados não são claros nesse ponto.

QUADRO DE HONRA

I

À ESPERA DO COMBOIO	H. L. R.
AIX-LE-BAINS	ITINERÁRIO DO FUTURO
ALGERNON BRAY	OMEGA
FIFEE	S. S. G.

II

ARVON	J. L. O.

III

F. LEE. G. S. C. X. A. B.

RESPOSTAS AO NÓ IV.

Problema. — «Temos 5 sacos, dos quais o nº 1 e nº 2 pesam 12 libras; os nº 2 e nº 3, $13\frac{1}{2}$ libras; os nº 3 e nº 4, $11\frac{1}{2}$ libras; os nº 4 e nº 5, 8 libras; os nº 1, nº 3 e nº 5, 16 libras. Calcule o peso de cada saco».

Resposta. — «$5\frac{1}{2}$, $6\frac{1}{2}$, 7, $4\frac{1}{2}$, $3\frac{1}{2}$».

A soma de todas as pesagens, 61 libras, inclui o saco nº 3 três vezes e os outros duas vezes. Deduzindo duas vezes a soma da 1ª e 4ª pesagem, temos 21 libras para a tripla pesagem do nº3, isto é, 7 libras para o nº 3. Assim, a 2ª e a 3ª pesagens dão $6\frac{1}{2}$ e $4\frac{1}{2}$ para os nº 2 e nº 4 respetivamente; do mesmo modo, a 1ª e 4ª pesagens dão $5\frac{1}{2}$ e $3\frac{1}{2}$ para os nº 1 e nº 5.

Chegaram noventa e sete respostas. Destas, 15 não merecem discussão pois não incluem qualquer raciocínio. Apenas posso enumerar os seus nomes, e aproveito a oportunidade para dizer que esta é a última vez que escrevo os nomes dos participantes que não dão qualquer pista sobre o processo pelo qual chegaram às respostas. Ao adivinhar um enigma, ou a apanhar uma pulga, não esperamos que o vencedor exausto nos dê depois, a sangue-frio, uma história dos esforços mentais ou musculares pelos quais atingiu o sucesso; mas um cálculo matemático é outra coisa. Os nomes desta banda de «mudos inglórios» são: D. E. R., DOUGLAS, E. L. ELLEN, I. M. T., J. M. C., JOSEPH, LUCY, MANSO, M. F. C., NÓ I, PYRAMUS, SENSO COMUM, XÁ e VERITAS.

Das oitenta e duas respostas que mostraram o raciocínio, ou alguma abordagem ao mesmo, uma está errada; dezassete deram respostas que (por uma coisa ou outra) praticamente não têm valor; quanto às restantes sessenta e quatro, tentarei organizá-las num quadro de honra, de acordo com os vários graus de brevidade e clareza que alcançaram.

A solitária resposta errada é da NELL. Estar tão «sozinha no meio da multidão» é uma proeza — dolorosa, sem dúvida, mas ainda assim uma proeza. Sinto por si, minha estimada jovem senhora, e parece-me ouvir a sua exclamação chorosa enquanto lê estas linhas, «Ah! Esta é a morte de todas as minhas esperanças!» Diga-me porque, mas porque presumiu que o 4º e o 5º saco pesavam 4 libras cada? E porque é que não testou as suas respostas? No entanto, tente novamente por favor; e, por favor, não mude o seu *nom-de-plume*, deixe-nos ter a NELL na Primeira Classe na próxima vez!

Os dezassete cujas respostas não têm praticamente valor são: ARDMORE, ARTHUR, BRISA DO MAR, CARVALHO DO PÂNTANO, COTOVIA DO PÂNTANO, DENTE-DE-LEÃO, J. L. C., M. E. T., PRIMEIRA TENTATIVA, ROSE, ROWENA, SYLVIA, TRÊS QUINTOS ADORMECIDA, UM CÁLCULO SIMPLES, VENDREDI e WINIFRED. A COTOVIA DO PÂNTANO tenta através de uma espécie de «método da falsa posição», presumindo experimentalmente que os números 1 e 2 pesam 6 libras cada e, por isso, chegando a $17\frac{1}{2}$ em vez de 16 como sendo o peso do 1, 3 e 5, ela remove «a supérflua libra e meia», mas não explica como sabe de qual deles tirar. A TRÊS QUINTOS ADORMECIDA diz que (estando nesse estado peculiar) «parece ser perfeitamente claro» para ela que, «3 dos 5 sacos sendo pesados duas vezes, $\frac{3}{5}$ de 45 = 27 deve ser o peso total dos 5 sacos». Perante isto apenas posso dizer, citando o capitão, «isto passa-*me* completamente ao lado!». WINIFRED, alegando que «tem de haver um ponto de partida», pressupõe (o que receio ser um mero palpite) que o nº 1 pesava $5\frac{1}{2}$ libras. Todos os restantes calculam, total ou parcialmente, através de palpites.

É claro que o problema é (como qualquer algebrista vê imediatamente) um caso de «equações simultâneas». É, no entanto, facilmente solucionável apenas por aritmética; e, quando é o caso, acredito ser má prática usar um método mais complexo. Desta vez, não dei mais crédito a soluções aritméticas; mas em problemas futuros darei (se tudo o resto se mantiver constante) pontuações mais altas àqueles que usem a maquinaria mais simples. Coloquei na classe I aqueles cujas respostas pareceram especialmente breves e simples e na classe III aquelas que pareceram especialmente longas ou trapalhonas. Deste último grupo, A. C. M., À ESPERA DO COMBOIO, ARBUSTO DE TOJO, JAMES, PERDIZ e R. W. enviaram soluções longas e divagantes, sem que as substituições tivessem um método definido, criadas para ver o que dali saía. CHILPOME e o RAPAZ DE DUBLIN omitem parte do raciocínio. O RAPAZ DE ARVON MARLBOROUGH apenas encontrou o peso de *um* saco.

QUADRO DE HONRA

I

B. E. D.
C. H.
CONSTANCE JOHNSON
GREYSTEAD
J. F. A.
M. A. H.
NÚMERO CINCO
PEDRO
POUPA
FULANO
R. E. X.
SETE VELHOS HOMENS
VIS INERTIAE
WILLY B
YAHOO

II

A SIMPLES SUSANA
ASSINANTE AMERICANO
ARLEQUIM
ASADEPATO
AYR
C. M. G.
CHEAM
DINAH MITE
E. C. M.
E. N. LOWRY
ERA
ESPINHEIRO
EUROAQUILÃO
F. H. W.
FIFEE
G. E. B.
GATA VELHA
HOUGH GREEN
ITINERÁRIO DO FUTURO
J. A. B.
JACK TAR
J. B. B.
KGOVJNI
L. D.
MARINHEIRO
MARINHEIRO DE ÁGUA DOCE
MARY
MHRUXI
MINNIE
NAIRAM
PICA PICA
POLICHINELLE
ROLETA DE DINHEIRO
S. S. G.
TISBE
UMA PROFESSORA AGRADECIDA
VERENA
WAMBA
WOLFE
WYKEHAMICUS
Y. M. A. H.

III

A. C. M.
À ESPERA DO COMBOIO
ARBUSTO DE TOJO
CHILPOME
JAMES
PERDIZ
R. W.
RAPAZ DE ARVON MARLBOROUGH
RAPAZ DE DUBLIN

RESPOSTAS AO NÓ V.

Problema. — Pontuar quadros, atribuindo 3 X a 2 ou 3, 2 a 4 ou 5, e 1 a 9 ou 10; atribuindo também 3 O a 1 ou 2, 2 a 3 ou 4 e 1 a 8 ou 9; de modo a pontuar o menor número possível de quadros e atribuindo o maior número possível de pontuações.

Resposta. — 10 quadros; 29 pontos; distribuídos da seguinte forma:

X	X	X	X	X	X	X	X	X	O
X	X	X	X	X		O	O	O	O
X	X	O	O	O	O	O	O	O	O

Solução. — Ao atribuir todos os X possíveis, colocando entre parêntesis os opcionais, temos 10 quadros pontuados assim:

X	X	X	X	X	X	X	X	X	(X)
X	X	X	X	(X)					
X	X	(X)							

Ao atribuir depois os O da mesma maneira, começando na outra ponta, temos 9 quadros pontuados assim:

							(O)	O
					(O)	O	O	O
(O)	O	O	O	O	O	O	O	O

Tudo o que temos que fazer agora é juntar estas duas extremidades o mais próximo possível, de modo a ter o menor número possível de quadros, apagando os pontos opcionais que nos permitam colocá-las mais próximas, caso contrário, deixando-os ficar. Temos 10 pontos necessários na 1ª e na 3ª fila, mas apenas 7 na 2ª. Assim, apagamos todos os pontos opcionais na 1ª e 3ª fila e deixamo-los na 2ª.

Chegaram vinte e duas respostas. Destas, 11 não estão fundamentadas; então, de acordo com o que anunciei na minha última revisão de respostas, não vou nomear os seus autores; menciono apenas que 5 estão corretos e 6 errados.

Das onze respostas que demonstram algum raciocínio, 3 estão erradas. C. H. começa com a afirmação precipitada de que sob as condições dadas «a soma é impossível. Pois,» continua ele ou ela (estes correspondentes rubricados são seres desanimadoramente vagos de se lidar), «10 é o menor número possível de quadros» (confere); «por isso devemos dar 2 X a 6, ou 2 O a 5». Porquê «devemos», ó fantasma alfabético? Em nenhum lado está consagrado que todos os quadros «devem» ter 3 pontos! FIFEE enviou uma página in-fólio com a solução, que merecia um destino melhor; ela oferece 3 respostas; em cada uma, 10 quadros estão pontuados com 30 pontos; num ela atribui 2 X a 6 quadros, noutro a 7; na 3ª ela atribui 2 O a 5; deste modo ignorando em todos os casos as regras. Interrompo para referir que a regra «2 X a 4 ou 5 quadros» apenas pode significar «*ou* 4 *ou então* 5»; se, como um participante colocou, pode significar *qualquer* número não inferior a 4, as palavras «ou 5» seriam supérfluas. I. E. A. (estou contente por poder dizer que nenhum destes fantasmas sem sangue aparece desta vez no Quadro de Honra. Será IDEIA sem o D e o I?) atribui 2 X a 6 quadros. De seguida repreende-me por utilizar a palavra «zero» em vez de «círculo». Não haja dúvida de que, para alguém que se revolta contra as regras estabelecidas para vos orientar, a palavra possa ser de mau gosto. Aqui está o meu parecer para não lhe fazer a desfeita: zero é nada, e círculo, a forma perfeita. Não lhe parece ser este o termo correto? Do meu prisma, a sua indignação tem a raiz nesta nossa divisão, mas para tal problema não tenho solução.

No Quadro de Honra que se segue, espero que a ocupante solitária da III recolha as suas garras quando ouvir como escapou por pouco a não aparecer de todo. O seu relato do processo pelo qual chegou à resposta é tão diminuto que, tal como o conto infantil de «Jack-a-Minory» (espero que a I. E. A. seja piedosa com a ortografia), dificilmente se distingue de «zero».

QUADRO DE HONRA

I

BRISA DO MAR — GATA VELHA — FULANO

II

AYR — H. VERNON

F. LEE — ITINERÁRIO DO FUTURO

III

GATA

RESPOSTAS AO NÓ VI.

Problema. — *A* e *B* começaram o ano com apenas 1.000 libras cada um. Zero pediram; zero roubaram. No dia de Ano Novo seguinte tinham 60.000 libras entre eles. Como é que o fizeram?

Solução. — Foram nesse dia ao Banco de Inglaterra. O *A* pôs-se em frente ao Banco, enquanto o *B* deu a volta e pôs-se por trás.

Chegaram duas respostas, ambas dignas de muita honra. O CONFUSO fá-los pedir emprestado «0» e roubar «0», usando ambas as cifras ao colocá-las à direita de 1,000 libras, perfazendo assim 100,000 libras, que está bem acima do limite. Mas (ou dizendo em Latim) AT SPES INFRACTA resolveu-o de maneira ainda mais engenhosa: com a primeira cifra transforma o «1» de 1,000 libras em «9» e junta-lhe o resultado da soma original, ficando assim com 10,000 libras; depois, através do outro «0», transforma o «1» em «6», atingindo assim as 60,000 libras exatas.

QUADRO DE HONRA

I

AT SPES INFRACTA

II

CONFUSO

Problema 2. — *L* faz 5 lenços, enquanto *M* faz 2; *Z* faz 4 enquanto *L* faz 3. 5 lenços de *Z* pesam um de *L*; 5 de *M* pesam 3 de *Z*. Um de *M* é tão quente quanto 4 de *Z*; e um de *L* é tão quente quanto 3 de *M*. Quem é melhor, dando igual crédito no resultado à rapidez do trabalho, leveza e capacidade de aquecer?

Resposta. — A ordem é *M, L, Z.*

Solução. — Quanto à rapidez (mantendo-se o resto constante) o mérito de *L* está para o de *M* numa razão de 5 para 2; o de *Z* está para o de *L* numa razão de 4 para 3. De modo a conseguir um conjunto de 3 números que preencham estas condições, é talvez mais simples pegar no que ocorre duas vezes enquanto unidade e reduzir os outros a frações; isto dá, para *L*, *M* e *Z* as pontuações de 1, $\frac{2}{5}$, $\frac{4}{3}$. Ao estimar a leveza, observamos que quanto maior o peso, menor o mérito, então o mérito de *Z* para o de *L* é de 5 para

1. Assim, as pontuações para a leveza são $\frac{1}{5}$, $\frac{5}{3}$, 1. Do mesmo modo, as pontuações para a capacidade de aquecer são 3, 1, $\frac{1}{4}$. Para chegar ao resultado total, temos de multiplicar as 3 pontuações de L e fazer o mesmo para as de *M* e *Z*. Os números finais são 1 x $\frac{1}{5}$, x 3, $\frac{2}{5}$ x $\frac{5}{3}$ x 1, $\frac{4}{3}$ x 1 x $\frac{1}{4}$; *i.e.* $\frac{3}{5}$, 2, $\frac{1}{3}$; isto é, multiplicando por 15 (o que não altera a proporção), 9, 10 e 5; mostrando que a ordem de mérito é *M, L, Z.*

Chegaram vinte e nove respostas, das quais cinco estão corretas e vinte e quatro erradas. Estes desafortunados caíram todos (com três exceções) no erro de *somar* os números obtidos para cada candidato, em vez de os *multiplicar*. O *porquê* de a última opção ser a correta e não a primeira está totalmente comprovado em manuais, por isso não ocuparei espaço a explicá-lo aqui; mas pode muito facilmente ser *ilustrado* pelo caso do comprimento, largura e profundidade. Suponhamos que *A* e *B* são escavadores rivais de tanques retangulares; a quantidade de trabalho realizado é evidentemente medida pelo número de *pés cúbicos* escavados. Suponhamos que *A* escavou um tanque com 10 pés de comprimento, 10 de largura e 2 de profundidade; e *B* escavou um com 6 pés de comprimento, 5 de largura e 10 de profundidade. Os conteúdos cúbicos são 200 e 300 respetivamente; quer isto dizer que *B* é o melhor escavador com uma proporção de 3 para 2. Agora experimentemos pontuar o comprimento, largura e profundidade separadamente; dando pontuação máxima de 10 ao melhor em cada categoria e *somando* no final os resultados!

Dos 24 malfeitores, um não fundamenta, e por isso não tem direito a ser mencionado; mas vou quebrar a regra uma vez, por consideração ao seu sucesso no Problema 1, ele ou ela é CONFUSO. Os outros vinte e três podem ser divididos em cinco grupos.

Primeiro e piores são os que põem a legítima vencedora em *último*, colocando-as na seguinte ordem: «Lolo, Zuzu, Mimi». Os nomes destes malfeitores desesperados são ARY, ARBUSTO DE TOJO e POLLUX (que enviaram uma resposta conjunta), FULANO, GALINHA VELHA, GREYSTEAD, ITINERÁRIO DO FUTURO e A SIMPLES SUSANA. A última foi outrora a melhor de todos; a Galinha Velha aproveitou-se da sua simplicidade e enganou-a com o joio que foi a desgraça da sua própria «galinhez».

Em segundo, aponto o dedo de escárnio àqueles que colocaram a pior candidata no topo, arranjando-as da seguinte forma: «Zuzu, Mimi, Lolo. São eles GATA VELHA, GRAECIA, M. M. e R. E. X. «É Grécia, mas...»[7].

O terceiro grupo evitou estas atrocidades e conseguiram pôr a pior em último, sendo as suas respostas «Lolo, Mimi, Zuzu». Os seus nomes são AYR (que também aparece nos «demasiado longos»), CLIFTON C., F. B., FIFEE, JANET, SRA. SAIREY GAMP e VIVAZ. F. B. não caiu no erro comum; ela *multiplica* os números proporcionais obtidos, mas erra ao considerar a capacidade de aquecer um *de*-mérito. Ela é possivelmente uma "Frouxa Banana" ou vem da «Filha de Bombaim». JANET e SRA. SAIREY GAMP também evitaram este erro; o método que adotaram está envolto em mistério; mal me sinto competente para criticá-lo. A SRA. GAMP diz «se a Zuzu faz 4 enquanto a Lolo faz 3, a Zuzu faz 6 enquanto a Lolo faz 5 (mau raciocínio), enquanto a Mimi faz 2». Daqui ela conclui que «desta forma a Zuzu excede em velocidade por 1» (isto é, quando comparado com a Lolo; mas e com a Mimi?). Ela então compara os 3 tipos de excelência, medindo-as nesta escala mística. JANET pega na afirmação de que «Lolo faz 5 enquanto a Mimi faz 2» para provar que «a Lolo faz 3 enquanto a Mimi faz 1 e a Zuzu 4» (pior raciocínio do que o da SRA. GAMP), e assim conclui que «Zuzu vence em velocidade em $\frac{1}{8}$»! A JANET deveria ser ADELINE, «o mistério dos mistérios»[8]!

O quarto grupo até colocou a Mimi no topo, colocando-as da seguinte forma: «Mimi, Zuzu, Lolo». São eles ESTROFE, MARQUÊS E Cia., MARTREB e S. B. B. (a primeira inicial pouco legível, poderá ser um «J»).

O quinto grupo consiste no CAMELO e UM PEIXE ANTIGO. Estes camaradas incompatíveis, por força de pata e barbatana, tropeçaram na resposta correta, mas o método está errado e por isso não conta. Além disso, UM PEIXE ANTIGO tem ideias muito antigas e «peixosas» sobre *como* os números representam o mérito: ela diz «Lolo está $2\frac{1}{2}$ à frente da Mimi». Dois e meio de *quê*? Ó peixes, ó peixes! Continuais cumprindo as vossas antigas promessas?[9]

Dos cinco vencedores coloquei BALBUS e O VIAJANTE MAIS VELHO um pouco abaixo dos outros três: BALBUS pela fundamentação

---

[7] Lord Byron: *Manfred: The Giaour*.
[8] Poemas, Adeline. Tennyson, Alfred, 1809-1892; Santos, Octávio dos, 1965-, compil.
[9] As *Mil e Uma Noites*, *O pescador e o génio*. Tadução revista por Correia, Mário Dias.

defeituosa, o outro por trabalho escasso. BALBUS dá duas razões para provar que o *somatório* das pontuações não é o método correto e depois acrescenta «segue-se que a decisão a tomar será a *multiplicação* das pontuações». Isto é dificilmente mais lógico do que dizer «Não é primavera, por isso deve ser outono».

QUADRO DE HONRA

I

DINAH MITE	E. B. D. L.	JORAM

II

BALBUS	O VIAJANTE MAIS VELHO

Relativamente ao Nó V, começo por exprimir a VIS INERTIAE e a quaisquer outros que, como ela, perceberam que *todos* os quadros pontuados deveriam ter *três* pontos, o meu mais sincero pesar por a infeliz frase «desenhei três colunas junto dos nomes dos quadros na sala grande e quero que as *preenchas* com zeros e cruzes» os ter feito darem-se a tanto trabalho e perder tanto tempo. Resta-me apenas repetir que, para *mim*, uma interpretação *literal* de «preencher» parece exigir que *todos* os quadros na galeria devam ser pontuados. A VIS INERTIAE estaria na Primeira Classe se tivesse enviado a solução que agora apresenta.

RESPOSTAS AO NÓ VII.

Problema. —Dado que um copo de limonada, 3 sanduíches e 7 biscoitos custam 1 xelim e 2 centavos; e que um copo de limonada, 4 sanduíches e 10 biscoitos custam 1 xelim e 5 centavos; encontre o custo de (1) um copo de limonada, uma sanduíche e um biscoito; e (2) 2 copos de limonada, 3 sanduíches e 5 biscoitos.

Resposta. — (1) 8 centavos; (2) 1 xelim e 7 centavos.

Solução. — A melhor maneira de resolver isto é algebricamente. Seja x = ao custo (em centavos) de um copo de limonada, y de uma sandes e z de um biscoito. Temos então x+3y+7z=14 e x+4y+10z=17. Precisamos dos valores de x+y+z e de 2x+3y+5z. Mas, com apenas *duas* equações, não conseguimos encontrar, separadamente, os valores de *três* incógnitas; certas combinações destas podem, no entanto, ser encontradas. Além disso sabemos que, através da ajuda dada pelas equações, podemos eliminar 2 das 3 das incógnitas da quantidade de cujo valor precisamos, que assim irá conter apenas uma. Se, então, o valor que necessitamos for sequer determinável, apenas o poderá ser através do desaparecimento da 3ª incógnita; caso contrário o problema é impossível.

Vamos então eliminar as limonadas e as sanduíches, reduzindo tudo aos biscoitos — um estado de coisas ainda mais deprimente do que «se todo o mundo fosse uma tarte de maçã»[10] — ao subtrair a 1ª equação da 2ª, que elimina uma limonada, dando y+3z=3 ou y=3-3z; substituindo depois o valor de y na 1ª, que dá x-2z=5, *i.e.*, x=5+2z. Se substituirmos estes valores de x e y nas quantidades cujos valores são necessários, a primeira fica (5+2z) + (3-3z) + z, isto é, 8; e a segunda 2(5+2z) + (3-3z) + 5z, isto é, 19. Assim, chegamos às respostas (1) 8 centavos e (2) 1 xelim e 7 centavos.

O exposto acima é um método universal, quer isto dizer, serve com certeza absoluta tanto para encontrar uma resposta como para provar que não é possível responder. O problema também poderá ser resolvido ao combinar as quantidades cujos valores conhecemos para formar aquelas de cujos valores precisamos. Isto é apenas uma questão de engenho e sorte; e, uma vez que *pode* falhar, mesmo que a coisa seja possível, e de nada serve para provar que é *im*possível, não posso classificar este método como igual em valor ao outro. Mesmo quando é bem-sucedido, pode revelar-se um processo bastante fastidioso. Suponhamos que os 26 participantes, que enviaram aquilo a que posso chamar soluções *acidentais*, tinham de lidar

[10] Canção de embalar, *If All the World Was Apple Pie* (1850).

com um problema onde todos os números fossem compostos por 8 ou 10 dígitos! Suspeito que seria um caso de «prateado está o cabelo negro»[11] (leia-se «*Paciência*») antes que o mais engenhoso deles encontrasse uma solução.

Chegaram quarenta e cinco respostas, das quais, alegra-me dizê-lo, 44 mostram algum raciocínio e, por isso, devem ser mencionados pelo nome e ter as suas virtudes, ou vícios, conforme seja o caso, discutidos. Treze fizeram conjeturas que não deveriam ter feito e por isso não podem aparecer no Quadro de Honra, ainda que em 10 dos 12 casos a resposta esteja correta. Dos restantes 28, nada menos do que 26 enviaram soluções *acidentais* e, por isso, ficam aquém das mais altas honras.

Irei agora discutir os casos individuais, começando pelo pior, como é hábito.

SAPUDO não fundamenta; isto é tudo o que nos dá: após apresentar as equações dadas, diz «por isso a diferença, 1 sanduíche + 3 biscoitos = 3 centavos»; de seguida, dá os valores das faturas desconhecidas sem qualquer pista de como os obteve. SAPUDO escapou por *muito* pouco a não ser mencionado!

Dos que estão errados, a VIS INERTIAE enviou uma fundamentação incorreta. Examinem os detalhes horríveis e estremeçam! Ela pega no *x* (chamem-no de «*y*») como sendo o custo de uma sanduíche e conclui (com razão) que um biscoito irá custar $\frac{3-y}{3}$. A seguir subtrai a segunda equação da primeira e deduz $3y + 7\frac{3-y}{3} - 4y + 10 \times \frac{3-y}{3} = 3$. Ao cometer dois erros nesta linha, chega a $y = \frac{3}{2}$. Tente novamente, ó VIS INERTIAE! Coloque de lado INERTIAE, e acrescente um pouco mais de VIS e obterá o resultado correto (ainda que desinteressante) de 0 = 0! Isto mostrar-vos-á que de nada serve tentar persuadir qualquer uma destas 3 incógnitas a revelar o seu valor *separadamente*. O outro participante, que está completamente errado, é J. M. C. ou T. M. C, mas quer seja um Jovem Mal-Calculado ou o Tremendo Matemático Confuso, ele respondeu 7 centavos e 1 xelim e 5 centavos. Ele parte do princípio, com Ta-Manha Confiança, que os biscoitos custavam $\frac{1}{2}$ centavos cada e que Clara pagou por 8, apesar de ela apenas ter comido 7!

[11] Ópera cómica de Gilbert & Sullivan: *Patience*. Ato 2 (1881).

Vamos agora analisar os 13 cuja fundamentação está errada apesar de a resposta estar correta; e para não avaliar os seus deméritos com demasiada precisão, irei fazê-lo por ordem alfabética. A ANITA acha (corretamente) que «1 sanduíche e 3 biscoitos custam 3 centavos» e continua «por isso 1 sanduíche = $1\frac{1}{2}$ centavos, 3 biscoitos = $1\frac{1}{2}$ centavos, 1 limonada = 6 centavos». A BRISA DO MAR diz «é irrelevante para a resposta» (porquê?) «em que proporção 3*d* é dividido entre a sanduíche e os 3 biscoitos», ela então pressupõe que $s = 1\frac{1}{2}d,\ b = \frac{1}{2}d$. As DUAS IRMÃS presumiram primeiro que 4 biscoitos custavam um centavo e depois que 2 custavam um centavo, acrescentando que «a resposta será obviamente a mesma em ambos os casos». É uma observação sonhadora, fazendo com que nos sintamos como Macbeth quando tenta agarrar na adaga espetral. «Será isto uma afirmação que vejo perante mim?» Se vocês dissessem «ambas percorremos o mesmo caminho esta manhã» e eu dissesse «*uma* de vocês percorreu o mesmo caminho, mas a outra não», qual dos três seria o mais irremediavelmente confuso? A DINAH MITE começa como a ANITA, inferindo (corretamente) que um biscoito custa menos de 1 centavo; de onde conclui (erradamente) que *deverá* custar $\frac{1}{2}$ centavo. A ESTROFE tem uma métrica muito irregular. Primeiro (tal como a JANET) identifica as sanduíches como biscoitos. Tenta depois dois pressupostos ($s = 1, b = \frac{2}{3}$, e $s = \frac{1}{2}, b = \frac{5}{6}$) e (naturalmente) termina com contradições. Depois volta ao primeiro pressuposto e encontra as 3 incógnitas separadamente, *quod est absurdum*. F. C. W. está tão elegantemente resignada à certeza do veredito de «culpada», que mal tenho coragem de pronunciar a palavra, sem acrescentar um «recomenda-se clemência devido a circunstâncias atenuantes». Mas a sério, onde *estão* as circunstâncias atenuantes? Ela começa com o pressuposto de que a limonada custa 4 centavos o copo e as sanduíches 3 centavos cada (conseguindo que, com as duas equações, *quatro* condições sejam cumpridas através de *três* miseráveis incógnitas!). E, tendo (naturalmente) levado isto a uma contradição, tenta depois 5 centavos e 2 centavos com resultados semelhantes. (Nota: *Este* processo poderia ter sido realizado ao longo de todo o Período Terciário, sem satisfazer um único Megatério). De seguida, através de uma «ideia feliz», tenta biscoitos a meio centavo e obtém um resultado consistente. Isto pode resultar numa boa solução, entendendo o problema como um quebra-cabeças, mas *não* é científico. A GATA VELHA acredita que o pressuposto de que uma sanduíche custa $1\frac{1}{2}$ centavos é «a única maneira de evitar frações impossíveis». Mas *porquê* evitá-las? Não haverá um certo brilho de triunfo em domar tal fração? «Senhoras e senhores, a fração perante vós desafiou durante anos todos os esforços de uma natureza refinada; era, numa palavra, irremediavelmente vulgar. Tratando-a como uma dízima periódica (a passadeira rolante das frações) apenas piorou tudo. Em último recurso, reduzi-a aos valores mais baixos e extraí-lhe a raiz quadrada!». Piadas à parte, permitam-me agradecer à GATA VELHA as suas amáveis palavras de solidariedade, em referência a um correspondente (cujo nome me alegra dizer ter esquecido) que me tinha apontado falhas como um crítico indelicado. JANET identifica sanduíches como biscoitos! «Uma sandes + 3 biscoitos» diz ela ser igual a «4». *Quatro* quê? MAYFAIR faz a assombrosa afirmação de que a equação $s + 3b = 3$, «é evidentemente apenas cumprida por $s = \frac{3}{2}, b = \frac{1}{2}$»! O. V. L. está para além da minha compreensão. Ele pega nas equações dadas (1) e (2), a partir daí, através do processo [(2)-(1)] deduz (corretamente) a equação (3), a saber, $s + 3b = 3$, e depois novamente através de [$\times$ 3] (um mistério inexplicável), deduz $3s + 4b = 4$. Não tenho nada a dizer, desisto. STILETTO identifica sanduíches e biscoitos como «artigos». Será que esta palavra é alguma vez usada por pasteleiros? Pensava que «Qual é o próximo artigo, senhora?» se reservava a comerciantes de tecidos. TARTARUGA PYATE (o que é uma Tartaruga Pyate, se faz favor?) e o CORVO VELHO, que enviaram uma resposta conjunta, e Y. Y., adotaram o mesmo método. Y. Y. pega na equação $s + 3b = 3$ e diz «esta soma deve ser repartida de uma das seguintes três maneiras». *Poderá* ser, reconheço, mas, porquê, porquê, Y. Y., você diz «deve»? Os outros dois conspiradores são menos perentórios, dizem que «pode» ser dividida assim, mas acrescentam «ambos os três preços estando corretos»! Isto é má gramática e má aritmética ao mesmo tempo, ó pássaros misteriosos!

Daqueles que ganham as honras, O SNARK DE SHETLAND deve ter a 3ª classe toda para si. Apenas respondeu a metade do problema, a saber, o almoço da Clara; quanto às duas velhinhas, ele deixa-as impiedosamente no meio da sua «dificuldade». Eu asseguro-lhe com todo o respeito (agradecendo-lhe pelos seus comentários amigáveis) que taxas de entrada e subscrições são coisas desconhecidas no mais económico dos clubes, «O Desatadores de Nós».

Os autores das 26 soluções «acidentais» diferem apenas no número de passos dados entre os *dados* e as respostas. De maneira a fazer-lhes total justiça, organizei a 2ª classe em secções, de acordo com o número de passos. Os dois Reis são tremendamente ponderados! Suponho que andar rápido ou ir por atalhos é inconsistente com a dignidade da realeza; mas, a sério, ao ler a solução de TESEU, pensaríamos que ele estaria a «marcar passo» sem avançar o que quer que fosse! O outro Rei irá desculpar-me, espero, por ter alterado «Coal» para «Cole»[12]. O Rei Coilus, ou Coil, parece ter reinado pouco depois de Artur. Henry de Huntingdon identifica-o como o Rei Coël, o primeiro a construir muros em redor de Colchester, nome dado em sua honra. Em Crónicas de Robert de Gloucester podemos ler:

Após o Rey Aruirag, de qvem já havemos falado,
Marius seu fylho foy rey, homem astuto & corajoso.
& o seu fylho reynou depoys dele, Coil era o seu nome,
Ambos eram homens astutos & de fama nobre

BALBUS expõe-no como o princípio geral que «de modo a apurar o custo de qualquer um dos almoços, este deve chegar ao mesmo resultado através de duas hipóteses diferentes». (*Pergunta*. Não deveria ser «nós deveremos» em vez de «este»? Caso contrário o *almoço* está representado como se ele *próprio* desejasse saber o seu preço)! De seguida estabelece duas hipóteses: uma diz que as sanduíches não custam nada; a outra, que os biscoitos não custam nada (qualquer uma delas levaria a que o estabelecimento ficasse inconvenientemente lotado!) e estabelece que os almoços custam 8 centavos e 19 centavos em cada uma das hipóteses. Conclui depois que esta concordância de resultados «mostra que as respostas estão corretas». Eu proponho que desacreditemos a sua lei geral dando apenas um exemplo da sua lacuna. Um exemplo será o suficiente. Em linguagem lógica, de modo a desacreditar uma «afirmação universal», basta demonstrar a sua contradição, que é uma «negativa particular». (Devo fazer uma pausa para uma digressão sobre a Lógica, e especialmente sobre a Lógica das Senhoras. A afirmativa universal «toda a gente diz que ele é um pato» é imediatamente esmagada pela demonstração da negativa particular «O Pedro diz que é um ganso,» que equivale a «O Pedro *não* diz que é um pato.» E a negativa universal «ninguém a visita» cai por terra através da afirmativa particular «*eu* visitei-a ontem». Em suma, qualquer uma das duas declarações contraditórias refuta a outra; e a moral é de que, uma vez que uma proposição particular é muito mais facilmente demonstrável do que uma universal, o caminho mais sensato, ao discutir com uma Senhora, é limitar as *suas próprias* afirmações a «particulares», e

[12] [NT] Coal (carvão) e Cole (nome próprio).

deixar que *ela* demonstre o contraditório «universal», se conseguir. Isto irá em geral assegurar uma vitória *lógica*: já uma vitória *prática* não devemos esperar, pois ela poderá sempre recorrer à observação arrasadora "*isso* não tem nada a ver com isto!", uma jogada para a qual o Homem ainda não descobriu nenhuma resposta satisfatória. Agora voltemos a BALBUS). Aqui está a minha «negativa particular», a qual testará a sua regra. Suponhamos que os dois almoços registados foram «2 pães, um bolo, 2 folhados de salsicha e uma garrafa de Zoëdone. Total: um xelim e nove centavos» e «um pão, 2 bolos, um folhado de salsicha e uma garrafa de Zoëdone. Total: um xelim e quatro centavos». Suponhamos que o almoço desconhecido de Clara tenha sido «3 pães, um bolo, um folhado de salsicha e 2 garrafas de Zoëdone», enquanto as duas irmãzinhas se deleitaram com «8 pães, 4 bolos, 2 folhados de salsicha e 6 garrafas de Zoëdone». (Pobres almas, quão sedentas deveriam estar!) Se BALBUS tiver a amabilidade de testar isto com o seu princípio das «duas hipóteses», primeiro assumindo que um pão custa 1 centavo e um bolo 2 centavos, e depois que um pão custa 3 centavos e um bolo 3 centavos, ele irá demonstrar que os outros dois almoços, em cada hipótese, custaram «um xelim e nove centavos» e «quatro xelins e 10 centavos» respetivamente, o que, perante esta harmonia de resultados, lhe permitirá dizer que «prova que as respostas estão corretas». Mas ainda assim, na realidade, os pães custaram 2 centavos cada um, os bolos 3 centavos, os folhados de salsicha 6 centavos e a Zoëdone 2 centavos a garrafa, fazendo com que o terceiro almoço da Clara tenha custado um xelim e sete centavos e as suas amigas sedentas tenham gastado quatro xelins e quatro centavos!

Irei citar e discutir outra observação de BALBUS, pois penso que terá uma moral para alguns dos meus leitores. Ele diz «é essencialmente o mesmo quer resolvamos este problema com palavras, dizendo que é Aritmética, ou usemos letras e sinais, dizendo que é Álgebra». Isto não me parece uma descrição correta dos dois métodos. O método aritmético é um método unicamente «sintético»; vai de um facto conhecido para outro até atingir o objetivo. O método algébrico é um método de «análise»: começa com o objetivo, simbolicamente representado, e vai recuando, arrastando a sua vítima velada consigo, até alcançar a completa luz do dia dos factos conhecidos, altura em que pode arrancar o véu e dizer «Eu conheço-te!».

Vejamos uma ilustração. Entraram em vossa casa e assaltaram-na, e vocês chamam o polícia de serviço nessa noite. «Bem, Dona, eu vi um fulano a saltar fora pelo muro do vosso jardim, mas eu tava um bocado longe 'tão eu não fui atrás dele. Cortei caminho pelo atalho que vai dar ao

Chequers e quem é que eu encontrei se não foi o Bill Sykes, a virar a esquina todo torto. ‘Tão eu parei-o e disse “Meu rapaz, t’és procurado”. Foi tudo o que eu disse. E ele diz “Eu vou sem fazer barulho, chefe”, ele diz, “sem as algemas” disse ele.» Aí está o vosso polícia aritmético. Agora tentemos o outro método. «Eu vi alguém a correr mas mal *eu* lá chegasse já ele se tinha ido. ‘Tão dei uma olhadela ao jardim e reparei nas pegadas qu’o fulano tinha deixado nos vossos canteiros. Eram pegadas me-mo grandes. E depois reparei qu’o pé esquerdo afundava no calcanhar, bem mais fundo qu’o outro. E disse cá pra mim, “O fulano é um matulão e manca do pé esquerdo”. Depois passei as mãos no muro qu’ele pulou e havia fuligem, não haja dúvida. ‘Tão disse cá pra mim, “Agora donde é que eu posso desencantar um homem grande que limpa chaminés e é manco do pé esquerdo?” E de repente fez-se luz e eu digo “É o Bill Sykes!” disse eu». Aí está o vosso polícia algébrico, de um tipo de intelectualidade superior, a meu ver, comparado com o outro.

A solução do PEQUENO JACK merece uma palavra de apreço, pois ele descreveu o que é realmente uma prova algébrica *em palavras*, sem representar qualquer um dos seus factos em equações. Se o mérito é todo dele, com tempo dará um bom algébrico. Permitam-me agradecer À SIMPLES SUSANA pelas suas palavras amigáveis, semelhantes àquelas recebidas da GATA VELHA.

HEKLA e MARTREB são os únicos dois que usaram o método que permitia de certeza ou encontrar a resposta ou prová-la impossível e, por isso, devem partilhar a maior das honras.

QUADRO DE HONRA

I

HEKLA	MARTREB

II

1 (2 *passos*)

A SIMPLES SUSANA	FULANO
ADELAIDE	L’INCONNU
CLIFTON C.	NIL DESPERANDUM
E. K. C.	PEQUENO JACK
ESCREVEDEIRA AMARELA	UM CONFUSO

2 (3 *passos*)

A. A.	CHÁ DAS 5
A RAINHA VERMELHA	INVISÍVEL
BALBUS	UMA CANÇÃO DE NATAL
BÉBE	UMA PROFESSORA AGRADECIDA
CARVALHO DO PÂNTANO	

3 (4 *passos*)

ESPINHEIRO	S. S. G.
JORAM	

4 (5 *passos*)
UM TREINADOR DE STEPNEY
5 (6 *passos*)
LOUREIRO ITINERÁRIO DO FUTURO.
6 (9 *passos)*
VELHO REI COLE.
7 (14 *passos)*
TESEU

RESPOSTAS AOS CORRESPONDENTES

Recebi várias cartas sobre os Nós II e VI, o que me leva a pensar que uma explicação adicional é desejável.

No Nó II, era minha intenção que a numeração das casas começasse num canto da Praça, e a maioria dos participantes, se não todos, assim o presumiu. No entanto, o TROIANO diz «assumindo, na falta de qualquer informação, que as ruas entram na praça pelo meio de cada lado, poder-se-á supor que a numeração começa numa rua». Mas certamente que a outra opção é a mais natural?

No Nó VI, o primeiro Problema foi obviamente um mero *jeu de mots*, cuja existência julguei ser desculpável numa série de Problemas cujo objetivo é entreter em vez de instruir, mas não escapou às críticas desdenhosas de dois dos meus correspondentes, que parecem pensar que Apolo tem de manter o seu arco sempre em posição. Nenhum deles acertou e isto revela a verdadeira natureza humana. Ainda no outro dia, a 31 de setembro para ser exato, encontrei-me com o meu velho amigo Brown e contei-lhe uma adivinha que tinha acabado de ouvir. Com um grande esforço da sua mente colossal, Brown adivinhou. «Certo!» disse eu. «Ah» disse ele, «é muito boa, muito boa. E não é uma resposta que ocorra a toda a gente. Muito boa mesmo». Uns metros mais à frente, dei de caras com Smith e propus-lhe a mesma adivinha. Ele atarefou-se com ela um minuto e depois desistiu. Timidamente, gaguejei a resposta. «Homem, que pobre!» rosnou Smith, enquanto me virava as costas. «Uma coisa muito pobre! Espanta-me que repitas tal lixo!» Ainda assim, a mente de Smith, se possível, é ainda mais colossal que a de Brown.

O segundo Problema do Nó VI é um exemplo de uma mera regra de três composta, cujo aspeto essencial é que o resultado depende da variação de vários elementos tão relacionados entre si que se todos exceto um se mantiverem constantes, a solução varia com ele. Assim, se nenhum se mantiver constante, a solução varia com o seu produto. Por exemplo, os conteúdos cúbicos de um tanque retangular variam com o seu comprimento, mesmo que a largura e a profundidade sejam constantes, e por aí fora; então, se nenhum for constante, varia com o produto do comprimento, da largura e da profundidade.

Quando o resultado não está ligado aos elementos variáveis, o Problema deixa de ser a regra de três composta e torna-se frequentemente de uma grande complexidade.

Para ilustrar isto, peguemos em dois candidatos a um *prémio*, *A* e *B*, que deverão competir em francês, alemão e italiano:

(a) Que fique explícito que o resultado depende do seu conhecimento *relativo* de cada língua, de modo que, mesmo que os pontos para francês sejam «1, 2» ou «100, 200», o resultado será o mesmo, e que fique também explícito que se tiverem a mesma pontuação em 2 composições, as pontuações finais terão a mesma proporção que as da 3ª composição. Isto é um caso da regra de três composta. Multiplicamos as 3 pontuações de *A* e fazemos o mesmo para *B*. Reparem que, se *A* tiver um único «0», a sua pontuação final será «0», mesmo que tenha a pontuação máxima nas 2 composições, ainda que *B* apenas tenha tido um ponto em cada. Isto seria, está claro, muito injusto para *A*, embora fosse uma solução correta perante os requisitos fornecidos.

(b) O resultado deverá depender, tal como anteriormente, do conhecimento *relativo*, mas o francês deverá ter o dobro do peso do alemão e do italiano. Esta é um tipo de problema pouco habitual. Estarei inclinado a dizer que «a razão final deverá estar mais perto da razão do francês do que se o multiplicássemos como em (*a*) e tão mais perto que seria necessário utilizar os outros multiplicadores duas vezes para alcançar o mesmo resultado que em (*a*)»; por exemplo: se a razão do francês fosse $\frac{9}{10}$ e os outros $\frac{4}{9}$ e $\frac{1}{9}$, de modo que a razão total, pelo método (a), fosse $\frac{2}{45}$, eu deveria multiplicar ao invés por $\frac{2}{3}, \frac{1}{3}$, dando o resultado $\frac{1}{5}$, o que está mais perto de $\frac{9}{10}$ do que se tivéssemos utilizado o método (*a*).

(c) O resultado deve depender do conhecimento *real* das 3 línguas coletivamente. Aqui temos que fazer duas perguntas. (1) Qual será a «unidade» (isto é, «a medida padrão a utilizar») em cada língua? (2) Serão unidades de valor igual ou não? A unidade habitual é o conhecimento demonstrado respondendo

acertadamente em toda a composição, que será «100»; e qualquer outro resultado mais baixo será representado por números entre «0» e «100». Depois, sendo estas unidades de valor igual, só teremos de somar as 3 pontuações de *A* e fazer o mesmo para *B*.

(d) Os requisitos são os mesmos que em (*c*) mas o francês terá o dobro do peso. Aqui apenas duplicamos as pontuações de francês e somamos como anteriormente.

(e) O francês terá tanto peso que, se as outras pontuações forem iguais, a razão final será a da composição de francês, de modo que um «0» nela iria afundar o candidato, mas as outras duas línguas apenas afetariam o resultado coletivamente, através do conhecimento demonstrado, tendo as duas igual valor. Aqui deveria *somar* as pontuações de alemão e italiano de *A* e multiplicar o resultado pela sua pontuação na de francês.

Mas não é preciso continuar; o problema pode evidentemente ser apresentado com múltiplas condições variáveis, cada uma com o seu próprio método de solução. O problema no Nó VI era para pertencer à variedade (*a*) e, para tornar isto claro, inclui a seguinte passagem:

«Normalmente os participantes diferem apenas em um ponto. Por isso, no ano passado, a Fifi e a Gogo fizeram o mesmo número de lenços na semana da competição e estes eram igualmente leves; mas os de Fifi eram duplamente mais quentes do que os de Gogo e por isso ela foi declarada duplamente melhor».

O que disse será suficiente, espero, para responder a BALBUS, que considera (a) e (c) como as únicas variedades possíveis do problema, e dizer que «Não podemos utilizar a soma, por isso devemos utilizar a multiplicação» é «não mais ilógico do que, partindo do princípio de que o indivíduo não nasceu durante a noite, inferir que nasceu durante o dia»; e também a FIFEE, que diz «penso que um pouco mais de consideração mostrar-lhe-á que o nosso “erro de somar os números proporcionais para cada candidato em vez de multiplicar” não é nada um erro». Irra, mesmo que a soma fosse o método correto a utilizar, nem um dos autores (falo de memória) mostrou qualquer consciência da necessidade de fixar uma «unidade» para cada tema. «Não é nada um erro»! Eles estavam decididamente imersos em erro!

Um correspondente (não digo o seu nome, pois a comunicação não é em tom muito amigável) escreve o que se segue: «Quero acrescentar, com todo o respeito, que penso ser de bom tom se se abstivesse das expressões extremamente severas com que está acostumado a deixar-se levar quando critica a resposta. Que tais modos não devem ser» (devem ser?) «agradáveis para as pessoas em causa que cometeram erros poderá não ser de grande importância para si, mas espero que pense que seria melhor não os empregar, *a não ser que tenha a certeza absoluta de você mesmo estar correto*». Os únicos exemplos que o autor dá de «expressões severas» são «desafortunados» e «malfeitores». Permitam-me assegurar-lhe (e a quaisquer outros que possam disso precisar; estou confiante de que não há ninguém) que tais palavras foram utilizadas a brincar e sem qualquer noção de que poderiam irritar alguém, e lamento sinceramente qualquer incómodo que possa ter causado inadvertidamente. Espero que no futuro consigam distinguir entre a linguagem severa utilizada seriamente e as «palavras de amargura não intencional»[13], a que Coleridge aludiu nessa bela passagem que começa com «Uma criancinha, um elfo ágil»[13]? Se o autor se remeter a essa passagem ou ao prefácio de «Fogo, Fome e Massacre»[14], encontrará a distinção, que aqui advogo, muito mais bem elaborada do que eu alguma vez conseguiria por palavras próprias.

Penso ser melhor ignorar a insinuação do autor de que eu não me importo se incomodo os meus leitores, mas devo refutar inteiramente a sua observação final. Considero que usar uma linguagem suscetível de incomodar qualquer um dos meus correspondentes não seria minimamente justificado pela alegação de que eu tinha "a certeza absoluta de estar correto". Acredito que eu e os desatadores de nós não temos esse tipo de relação!

Permitam-me agradecer a *G. B.* pela oferta de um quebra-cabeças que, no entanto, se assemelha bastante ao velho «converta quatro noves em 100».

[13] S. T. Coleridge: *Christabel*. Conclusão do ato II.
[14] S. T. Coleridge: *Fire, Famine and Slaughter*.

RESPOSTAS AO NÓ VIII.

1. OS PORCOS

Problema. —Colocar vinte e quatro porcos em quatro pocilgas de modo a que, à medida que damos voltas e voltas, possamos sempre encontrar o número em cada pocilga mais próximo de 10 do que o número na anterior.

Resposta. —Colocar 8 porcos na primeira pocilga, 10 na segunda, nenhum na terceira e 6 na quarta. 10 está mais próximo de dez do que 8; nada está mais próximo de dez do que 10; 6 está mais próximo de dez do que nada; e 8 está mais próximo de dez do que 6.

Apenas dois correspondentes comentaram este problema. BALBUS diz «certamente que não pode ser resolvido matematicamente, nem vejo maneira de o resolver através de qualquer trocadilho verbal». NOLENS VOLENS altera a direção do circuito de Sua Resplandecência e mesmo assim é obrigado a acrescentar «os porcos devem ser carregados à frente dela»!

2. OS GRURMSTIPTHS

Problema. — Os autocarros começam num certo ponto, em ambos os sentidos, a cada 15 minutos. Um viajante, começando a ir a pé ao mesmo tempo que um desses autocarros, depara com outro em $12\frac{1}{2}$ minutos; quando é que ele será ultrapassado por outro?

Resposta. — Em $6\frac{1}{4}$ minutos.

Solução. — Seja «a» a distância que um autocarro faz em 15 minutos e «x» a distância do ponto de partida ao ponto onde o viajante é ultrapassado. Como o autocarro que se encontra é esperado no ponto de partida dentro de $2\frac{1}{2}$ minutos, faz nesse tempo o percurso que o viajante demora $12\frac{1}{2}$ a fazer; quer isto dizer que vai 5 vezes mais rápido. O autocarro que o ultrapassa está «a» atrás do viajante quando este último começa a andar e por isso vai a «$a + x$» enquanto o viajante vai a «x». Assim, $a + x = 5x$; isto é, $4x = a$ e $x = \frac{a}{4}$. Esta distância seria percorrida por um autocarro em $\frac{15}{4}$ minutos e pelo viajante em $5 \times \frac{15}{4}$. Logo, ele é ultrapassado $18\frac{3}{4}$ minutos após a partida, isto é, $6\frac{1}{4}$ minutos depois de se cruzar com o autocarro.

Foram recebidas quatro respostas, das quais duas estão erradas. DINAH MITE afirma corretamente que o autocarro que os ultrapassa chegou ao ponto onde se cruzaram com o outro autocarro 5 minutos depois de partirem, mas conclui erradamente que, ao ir 5 vezes mais rápido, os ultrapassaria um minuto depois. Os viajantes estão a uma caminhada de 5 minutos à frente do autocarro e têm de andar ainda um quarto desta distância antes de o autocarro os ultrapassar, o que será um quinto da distância percorrida pelo autocarro no mesmo tempo: isto irá exigir mais $1\frac{1}{4}$ minutos. NOLENS VOLENS tenta através de um processo tipo «Aquiles e a Tartaruga»[15]. Ele afirma corretamente que, quando o autocarro que os ultrapassa sai do portão, os viajantes estão à frente 1/5 de «a» e que o autocarro demorará 3 minutos a percorrer a distância; «durante esse tempo» os viajantes, diz-nos ele, vão à frente 1/15 de «a» (deveria ser 1/25). Estando os viajantes agora à frente 1/15 de «a», ele conclui que o trabalho que falta fazer será os viajantes percorrerem 1/60 de «a» enquanto o autocarro percorre 1/12. O *princípio* está correto e poderia ter sido aplicado mais cedo.

QUADRO DE HONRA

I

BALBUS	DELTA

[15] Paradoxo "Aquiles e a Tartaruga" de Zenão em *Physics*, Aristóteles.

RESPOSTAS AO NÓ IX.

1. OS BALDES

Problema. — Lardner afirma que um sólido, imerso num líquido, desloca uma quantidade igual a ele próprio em volume. Como poderá isto ser verdade no caso de ser um pequeno balde a flutuar dentro de um maior?

Solução. — Com «desloca», Lardner quer dizer «ocupa um espaço que poderia ser preenchido com água sem qualquer alteração das suas proximidades». Se a porção que está acima da água do balde que flutua pudesse ser aniquilada, e o resto transformado em água, a água circundante não mudaria de posição, o que vai ao encontro da afirmação de Lardner.

Foram recebidas cinco respostas, nenhuma das quais explica a dificuldade decorrente do facto conhecido de que um corpo flutuante tem o mesmo peso que o líquido deslocado. HEKLA diz que «apenas a porção do balde mais pequeno que fica abaixo do nível original da água pode ser considerado propriamente imerso, e apenas um volume igual de água é deslocado». Logo, de acordo com HEKLA, um sólido, cujo peso fosse igual ao de um volume igual de água, não flutuaria até que estivesse completamente abaixo «do nível original» de água; mas, na verdade, flutuaria assim que estivesse todo debaixo de água. PICA-PICA diz que a falácia é «a suposição de que um corpo pode deslocar outro de um lugar onde não está» e que a proposição de Lardner está incorreta, exceto quando o recipiente maior «estiver inicialmente cheio até à borda». Mas a questão de flutuar depende do estado presente das coisas, não do passado histórico. O VELHO REI COLE partilha a mesma visão de HEKLA. TYMPANUM e VINDEX assumem que «deslocado» significa «elevado acima do seu nível inicial» e explicam apenas como é que a água, elevada assim, é menos volumosa do que a porção imersa do balde, e assim desembarcam (ou melhor, flutuam) no mesmo barco que HEKLA.

Lamento não haver Quadro de Honra a publicar para este Problema.

2. O ENSAIO DE BALBUS

Problema. — BALBUS afirma que, se um determinado sólido for imerso num determinado recipiente de água, a água irá subir progressivamente: duas polegadas, uma polegada, meia polegada, etc., numa série infinita. Ele conclui que a água irá subir sem limite. Será isto verdade?

Solução. — Não. Esta série nunca poderá alcançar as 4 polegadas uma vez que, não importando quão imerso o sólido fica, faltam-nos sempre 4 polegadas para uma quantidade igual à última porção imersa.

Foram recebidas três respostas, mas apenas duas me parecem ser merecedoras de honras.

TYMPANUM diz que a afirmação sobre o pau «é meramente uma manobra de diversão a que se pode aplicar a velha resposta *solvitur ambulando*, ou melhor ainda, *mergendo*». Quero acreditar que TYMPANUM não irá ele próprio testar isto, tomando o lugar do homem no Ensaio de BALBUS! Ele afogar-se-ia inevitavelmente.

VELHO REI COLE observa, corretamente, que a série 2, 1, etc., é uma Progressão Geométrica regressiva; enquanto VINDEX identifica, corretamente, a falácia como a da "Aquiles e a Tartaruga".

QUADRO DE HONRA

I

VELHO REI COLE VINDEX

3. O JARDIM

Problema. — Um jardim oblíquo, meia jarda mais longo do que a sua largura, consiste inteiramente de um caminho de gravilha em espiral com uma jarda de largura e 3.630 jardas de comprimento. Encontre as dimensões do jardim.

Resposta. — 60, 60 $\frac{1}{2}$.

Solução. — O número de jardas e frações de uma jarda percorridas ao caminhar ao longo de uma parcela reta do caminho é evidentemente o mesmo que o número de jardas quadradas e frações de jardas quadradas existentes nessa parcela de caminho; e a distância percorrida ao passar por uma jarda quadrada num canto é evidentemente uma jarda. Logo, a área do jardim é 3.630 jardas quadradas, isto é, se x for a largura, $x\left(x+\frac{1}{2}\right)=$

3.630. Resolvendo este Quadrático, descobrimos x = 60. Logo, as dimensões são 60, $60\frac{1}{2}$.

Chegaram doze respostas, sete corretas e cinco erradas.

C. G. L., CORVO VELHO, NABABO e TYMPANUM presumem que o número de jardas na extensão do caminho é igual ao número de jardas quadradas do jardim. Isto é verdade, mas deveria ter sido fundamentado. Mas cada um é culpado de feitos mais sombrios. O «raciocínio» de C. G. L. consiste em dividir 3.630 por 60. De onde veio esta divisão, ó Sêgêél? Adivinhação? Ou foi um sonho? Temo que esta solução não tenha qualquer valor. A do CORVO VELHO é mais curta e por isso (se é que é possível) vale ainda menos. Ele diz que a resposta «salta à vista, $60 \times 60\frac{1}{2}$!». O cálculo de NABABO é curto, mas «tão rico quanto um Nababo» em erro. Ele diz que a raiz quadrada de 3.630, multiplicada por 2, é igual ao comprimento mais a largura. Isto é 60,25×2=$120\frac{1}{2}$. A primeira afirmação dele apenas é verdadeira perante um jardim quadrado. A segunda é irrelevante, visto que 60,25 não é a raiz quadrada de 3,630! Não, Bab, assim *não* dá! TYMPANUM diz que, ao extrair a raiz quadrada de 3.630, temos 60 jardas com um remanescente de $\frac{30}{60}$, ou meia jarda, que somamos de modo a termos o oblíquo $60 \times 60\frac{1}{2}$. Isto é bastante terrível, mas ainda falta pior. TYMPANUM continua assim: «Mas porquê haver meia jarda? Porque sem ela não haveria qualquer espaço para as flores. Por isso, encontramos exatamente no centro um espaço reservado para um pequeno pedaço de terra, com duas jardas de comprimento por meia jarda de largura, o único espaço que não é ocupado pelo caminho». Mas Balbus disse expressamente que o caminho «ocupava toda a área». Ó TYMPANUM! O meu tímpano está exausto, o meu cérebro dormente! Não consigo dizer mais nada.

HEKLA deixa-se levar, uma e outra vez, pelo mais fatal de todos os erros em computação: cometer dois erros que se anulam. Ela pega em x como a largura do jardim, em jardas, e $x-\frac{1}{2}$ como sendo o seu comprimento e faz a sua primeira «espiral» a soma de $x-\frac{1}{2}, x-\frac{1}{2}, x-1, x-1$, isto é, $4x-3$; mas o quarto termo deveria ser $x-1\frac{1}{2}$, fazendo a primeira espiral demasiado longa por $\frac{1}{2}$ jarda. A sua segunda espiral é a soma de $x - 2\frac{1}{2}, x - 2\frac{1}{2}, x - 3, x - 3$; aqui o primeiro termo deveria ser $x - 2$ e o último $x - 3\frac{1}{2}$. Estes dois erros anulam-se e por isso esta espiral está correta. O mesmo é verdade para qualquer outra espiral menos a última, a qual precisa de uma meia jarda adicional para atingir o *fim* do caminho; é isto que equilibra o erro na primeira espiral. Assim a soma total das espirais está correta apesar de o raciocínio estar totalmente errado.

Dos sete que estão corretos, DINAH MITE, JANET, PICA-PICA e CARAMELO partilham da mesma suposição que C. G. L. e Cia. Depois resolvem-no com um Quadrático. PICA-PICA também tenta através de Progressão Aritmética, mas não repara que a primeira e última «espirais» têm valores específicos.

ALUMNUS ETONAE tenta provar através de um exemplo específico, um jardim de 6 por $5\frac{1}{2}$, o que C. G. L. presumiu. Ele deveria tê-lo fundamentado de modo geral: o que é verdadeiro para um número nem sempre é verdade para outros. O VELHO REI COLE soluciona-o através de Progressão Aritmética. Está correto, mas é demasiado longo para valer tanto quanto a solução Quadrática.

VINDEX fundamenta-o impecavelmente, ao realçar que uma jarda de caminho medida pelo meio representa uma jarda quadrada do jardim, «quer consideremos as parcelas retas do caminho ou as jardas quadradas dos ângulos, em que a linha do meio vai meia jarda numa direção curvando depois num ângulo reto e continuando meia jarda noutra direção».

QUADRO DE HONRA

I

VINDEX

II

ALUMNUS ETONAE

VELHO REI COLE

III

CARAMELO
DINAH MITE

JANET
PICA-PICA

RESPOSTAS AO NÓ X.

1. OS PENSIONISTAS DE CHELSEA

Problema. — Se 70% perderam um olho, 75% uma orelha, 80% um braço, 85% uma perna; qual é a percentagem *mínima* dos que perderam os quatro?

Resposta. — Dez.

Solução. — (Adoto a da ESTRELA POLAR pois é melhor que a minha). Juntando as feridas todas, temos 70+75+80+85=310, entre 100 homens, o que dá 3 para cada e 4 para 10 homens. Posto isto, a percentagem mínima é 10.

Foram recebidas dezanove respostas. Uma é «5» mas, como não enviou nenhuma fundamentação, de acordo com a regra, deverá permanecer «uma façanha sem nome». JANET diz ser «35 e $\frac{7}{10}$». Lamento que não tenha percebido o problema e tenha presumido que os que perderam uma orelha eram 75% *daqueles que perderam um olho* e por aí fora. Claro que, segundo este pressuposto, as percentagens devem ser todas multiplicadas conjuntamente. Isso ela fez corretamente, mas não lhe posso conceder qualquer honra, pois não acho que a pergunta dê muito azo a essa interpretação. TRÊS VINTENAS E DEZ responde «19 e $\frac{3}{8}$». A sua solução deu-me (não direi «muitos dias ansiosos e noites sem dormir», pois tenciono restringir-me à verdade, mas) alguma dificuldade em retirar daí algum sentido. Ela diz que o número de «pensionistas feridos uma vez» é 310 (porcento, suponho!); dividindo por 4, isso dá-lhe 77 e meio como a «percentagem média»; dividindo novamente por 4, isso dá 19 e $\frac{3}{8}$ como a «percentagem de feridos quatro vezes». Será que ela pensa que as feridas de diferentes tipos se «absorvem» mutuamente, por assim dizer? Então, sem dúvida, que os *dados* são equivalentes a 77 pensionistas com uma ferida cada e meio pensionista com meia ferida. E pressuporá ela também que estas supostas feridas concentradas são *transferíveis*, de modo que $\frac{3}{4}$ destes desafortunados possam obter uma saúde perfeita ao darem as suas feridas aos restantes $\frac{1}{4}$? Aceitando estas suposições, a sua resposta está correta, ou melhor, *se* a pergunta fosse «Uma estrada está coberta com uma polegada de gravilha em 77 e meio porcento da mesma. Que percentagem da estrada poderíamos cobrir com 4 polegadas do mesmo material?» a sua resposta *teria estado* correta. Mas infelizmente, essa *não* era a pergunta! DELTA apresenta-nos algumas suposições incríveis: «que todo aquele que não perdeu um olho, tenha perdido uma orelha», «que todo aquele que não perdeu ambos os olhos e orelhas, tenha perdido um braço». As suas ideias de um campo de batalha são verdadeiramente sombrias. Imaginem um guerreiro que continuasse a lutar depois de perder ambos os olhos, ambas as orelhas e ambos os braços! Isto é algo que ela (ou «ele»?) considera *possível*.

De seguida temos oito autores que fizeram a insustentável suposição de que, uma vez que 70% perderam um olho, então 30% não perderam e por isso têm os dois olhos. Isto não é lógico. Se me derem um saco com 100 soberanos e se dentro de uma hora vou ter com vocês (a minha cara *não* tão radiante de gratidão como quando recebi o saco) e digo «lamento dizer que 70 destes soberanos estão estragados», estou a garantir que os restantes não estão? Talvez ainda não os tenha testado. Os lados deste octógono ilógico são os seguintes, em ordem alfabética: ALGERNON BRAY, DINAH MITE, G. S. C., J. D. W., JANE E., PICA-PICA (que faz a encantadora observação «por isso, 90% têm de ter dois de algo», vindo-nos à memória aquele monarca afortunado com quem Xerxes estava tão satisfeito que «lhe deu dez de tudo!»), S. S. G. e TOKIO.

ITINERÁRIO DO FUTURO e T. R. debruçam-se sobre o problema por etapas, partindo do princípio de que os 70% e os 75%, embora comecem em extremos opostos de 100, se devem sobrepor *pelo menos* em 45%, e por aí fora. O raciocínio está correto apesar de, na minha opinião, não ser a melhor maneira de o resolver.

Os outros cinco participantes irão, espero, sentir-se suficientemente glorificados por serem colocados na primeira classe sem que eu componha uma Ode Triunfal para cada!

QUADRO DE HONRA

I

A SIMPLES SUSANA	GALINHA VELHA
AÇÚCAR BRANCO	GATA VELHA
ESTRELA POLAR	

II

ITINERÁRIO DO FUTURO	T. R.

III

ALGERNON BRAY	JANE E.
DINAH MITE	PICA-PICA
G. S. C.	S. S. G.
J. D. W.	TOKIO

2. MUDANÇA DE DIA

Devo adiar, *sine die*, o problema geográfico, por um lado porque ainda não recebi as estatísticas pelas quais espero e, por outro, porque eu próprio estou completamente confuso; e quando o examinador está ele próprio a pairar hesitantemente entre a segunda e a terceira classe, como poderá ele decidir a posição dos outros?

3. A IDADE DOS FILHOS

Problema. — Inicialmente, duas das idades juntas são iguais à idade do terceiro. Uns anos depois, dois deles juntos fazem o dobro da idade do terceiro. Quando o número de anos desde a primeira ocasião é dois terços da soma das idades nessa ocasião, uma idade é 21. Quais são as outras duas?

Resposta. — 15 e 18.

Solução. — Sejam as idades primeiro $x, y, (x+y)$. Agora, se $a+b=2c$, então $(a-n)+(b-n)=2(c-n)$, qualquer que seja o valor de n. Assim a segunda relação, se *alguma vez* for verdadeira, será *sempre* verdadeira. Logo, foi verdadeira desde o início. Mas não pode ser verdade que x e y juntos são o dobro de $(x+y)$. Então deve ser verdade para $(x+y)$, juntamente com x ou y; e não importa qual escolhemos. Suponhamos, então, $(x+y)+x=2y$, isto é, $y=2x$. Assim as três idades eram, ao início, x, $2x$, $3x$; e o número de anos, desde essa altura, é dois terços de $6x$, isto é, $4x$. Logo, as idades atuais são $5x$, $6x$ e $7x$. As idades são claramente *números inteiros*, uma vez que este é apenas «o ano em que um dos meus filhos se torna maior de idade». Por isso, $7x = 21$, $x = 3$, e as outras idades são 15 e 18.

Chegaram dezoito respostas. Um dos autores afirma meramente que a primeira ocasião foi há 12 anos e que as idades eram 9, 6 e 3; e que na segunda ocasião estas eram 14, 11 e 8! Enquanto pai de família, deveria ocultar o nome do autor imprudente; mas o respeito pela idade faz-me quebrar a regra: foi TRÊS VINTENAS E DEZ. JANE E. também afirma que as idades iniciais eram 9, 6 e 3; calcula depois as idades atuais, deixando de parte a *segunda* ocasião. GALINHA VELHA é quase tão má: «tentei vários números até encontrar um que se encaixasse em *todas* as condições»; mas limitar-se a raspar a terra e picar não é maneira de resolver um problema, ó ave venerável! E logo a seguir, a rondar a GALINHA VELHA, com olhos famintos, temos a GATA VELHA, que assume calmamente, para começar, que o filho que se torna maior de idade é o *mais velho*. Come o teu pássaro, Miau, que daqui não levas nada!

Temos ainda que nos livrar de dois zeros. MINERVA presume que, em *todas* as ocasiões, um filho se torna maior de idade e que apenas esse filho é «banhado a ouro». Será sensato interpretar assim «agora, meus rapazes, calculem as vossas idades, e terão o dinheiro»? ITINERÁRIO DO FUTURO diz: «sejam» as idades inicias 9, 6 e 3, depois presume que a segunda ocasião se dá 6 anos depois, e é com estas afirmações infundadas que chega às respostas corretas. Guiai viajantes *futuros*, se quiseres; pois não és Itinerário para esta *Era*!

Dos que ganham honras, os meramente «honrados» são dois. DINAH MITE determina (corretamente) a relação entre as três idades iniciais, mas depois *pressupõe* que uma delas é «6», tornando o resto da sua solução uma especulação. M. F. C. faz bem a álgebra até à conclusão de que as idades atuais são $5z$, $6z$ e $7z$; de seguida presume, sem apresentar qualquer fundamentação, que $7z = 21$.

Dos mais honrados, DELTA tenta uma inovação: descobrir *qual* dos filhos se torna maior de idade por eliminação; pressupõe, sucessivamente, que é o do meio e que é o mais novo; em qualquer dos casos revela, *aparentemente*, um absurdo. Ainda assim, como a prova contém o seguinte bocado de álgebra, «$63 = 7x + 4y$; $\therefore 21 = x + 4$ sétimos de y», acredito que irá admitir que a prova não é *propriamente* conclusiva. O resto da fundamentação está bom. PICA-PICA revela a tendência deplorável da sua tribo (apropriar qualquer conclusão extraviada com que cruza, sem ter qualquer direito lógico estrito a ela). Partindo do princípio de que A, B e C são as idades iniciais, e D o número de anos que passaram desde então, ela encontra (corretamente) as 3 equações, $2A = B, C = B + A, D = 2B$. De seguida diz «supondo que $A = 1$, $B = 2$, $C = 3$ e $D = 4$. Então, para *A, B, C, D,* precisamos de quatro números que deverão manter a proporção de 1:2:3:4». É no «então» que deteto a falta de retidão desta ave. A conclusão é verdadeira, mas apenas porque as equações são «homogéneas» (isto é, têm uma «incógnita» em cada termo), um facto que eu fortemente desconfio não ter sido apreendido — perdoem-me, capturado — por ela. Se eu dispusesse esta pequena armadilha: «$A + 1 = B$, $B + 1 = C$, supondo que $A = 1$, depois $B = 2$, e $C = 3$. Então, para *A, B,* e *C*, precisamos de três números que deverão manter a proporção de 1:2:3», não teria esvoaçado por ela dentro, ó PICA-PICA, como uma amável pomba? A SIMPLES SUSANA, é tudo menos simples, a *meu* ver. Após estabelecer que as 3 idades iniciais eram proporcionais como 3:2:1, diz «então, como dois terços da sua soma, somados a um deles, = 21, a soma não pode exceder 30, e consequentemente o mais velho não pode exceder os 15». Imagino que o seu argumento (mental) é algo deste género: «dois terços da soma + uma idade = 21; ∴ soma + 3 metades de uma idade = 31 e meio. Mas 3 metades de uma idade não pode ser menos de 1 e meio (aqui apercebo-me de que A SIMPLES SUSANA nunca ofereceria um guinéu a um recém-nascido!) por isso a soma não pode exceder os 30». É engenhoso, mas a sua fundamentação, a seguir, é (ela admite-o abertamente) «desajeitada e confusa». Ela determina que existem 5 conjuntos de idades possíveis e elimina quatro deles. Imaginemos que em vez de 5, houvesse 5 milhões de conjuntos possíveis? Teria A SIMPLES SUSANA encomendado corajosamente os frascos de tinta e resmas de papel necessários?

A solução enviada por C. R. é, tal como a d'A SIMPLES SUSANA, parcialmente especulativa, e por isso não vai para além de uma Caótica Resolução.

Entre aqueles que ganharam as mais altas honras, ALGERNON BRAY resolveu o problema bastante bem, mas acrescenta que não há nada a excluir a suposição de que todas as idades podiam ser *fracionárias*. Isto dar-nos-ia um número infinito de respostas. Permitam-me jurar amigavelmente que *nunca* foi minha intenção levar a que os meus leitores levassem o resto das suas vidas a escrever respostas! E. M. RIX faz notar que, se idades fracionárias forem admissíveis, qualquer um dos filhos poderia ser o que se «torna maior de idade»; mas rejeita acertadamente esta suposição com base no facto de que tornaria o problema indeterminado. AÇÚCAR BRANCO é o único que reparou num lapso meu: esqueci-me da possibilidade (que obviamente deve ser permitida) de o filho se tornar maior de idade nesse *ano* e não necessariamente nesse *dia*, pelo que poderia ter apenas 20. Isto dá-nos uma segunda solução: 20, 24, 28. Bem-dito, absolutamente Cristalino! Em verdade, «vossa conversa foi como açúcar»[16]!

QUADRO DE HONRA

I

AÇÚCAR BRANCO	TOKIO
E. M. RIX	T. R.
G. S. C.	UM VELHO ANTIQUADO
S. S. G.	ALGERNON BRAY

II

A SIMPLES SUSANA	DELTA
C. R.	PICA-PICA

III

DINAH MITE	M. F. C.

Recebi mais do que um protesto sobre a minha afirmação, no problema dos Pensionistas de Chelsea. Dizem não ser lógico que a partir do *datum* «70 p. c. perderam um olho» se assuma que 30 p. c. *não* perderam. ALGERNON BRAY afirma, como caso paralelo, «imaginemos que o pai do Tommy lhe dá 4 maçãs e ele come uma; com quantas ficou?» e diz «penso que será justificado responder 3». Também penso que sim. Não existe aqui um «deve» e os *dados* existem, evidentemente, para delimitar a resposta com precisão; mas se a pergunta colocada fora «quantos *deve* ele ter deixado?», eu deveria entender que os dados seriam que o seu pai lhe deu *pelo menos* 4, mas *poderá* ter dado mais.

Aproveito a oportunidade para agradecer àqueles que enviaram, juntamente com as suas respostas ao Décimo Nó, lamentos por não haver mais Nós, ou petições para eu revogar a minha determinação a pôr-lhes fim. Estou profundamente grato pelas vossas palavras simpáticas; mas penso ser mais sensato terminar o que, no seu melhor, foi apenas uma tentativa tosca. «E metro extenso de ancestral canção[17]» está para além do meu alcance; e as minhas marionetas não estiveram nitidamente *na* minha

[16] Shakespeare, William, 1564-1616; Vasconcelos, Filomena Aguiar de, 1959-, trad. *Ricardo II*, ato 2, cena 3 (2002).
[17] Shakespeare, William, 1564-1616; Moura, Vasco Graça, 1942-2014, trad., *Os sonetos de Shakespeare: versão integral*, Soneto 17 (2002).

vida (como aquelas a que agora me dirijo), nem ainda (como Alice e a Tartaruga Falsa) nitidamente *fora* dela. Ainda assim deixem-me pelo menos imaginar, enquanto pouso a minha caneta, que carrego comigo para a minha vida silenciosa, caro leitor, um sorriso de despedida de um rosto não visto e um gentil passou-bem de despedida da vossa mão não sentida! Então, boa noite! A despedida é tão doce tristeza, que direi «boa noite!» até que amanheça[18].

FIM.

[18] Shakespeare, William, 1564-1616; Vasconcelos, Filomena Aguiar de, 1959-, trad., *Romeu e Julieta*, ato 2, cena 2 (2013).